

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 22 a 27 de setembro de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUES DA SEMANA

Sem dúvida a brutal queda de preços do minério de ferro é nosso principal destaque da semana, e a razão para isso é simples: o minério de ferro representa quase 65% do valor de todos os bens minerais produzidos no Brasil. A razão para a queda é a combinação, há muito anunciada, do desaquecimento da economia chinesa com o excesso de oferta no mercado mineral.

Também merece atenção o Editorial do Estado de São Paulo, que trata da absurda conversão do Brasil em importador de alumínio, assunto antecipado no destaque da edição anterior deste nosso Clipping Semanal de Mineração.

Finalmente, destacamos as matérias que abordam o Novo Marco Legal da Mineração, que dão conta do recuo do Governo na questão da "Prioridade", essencial para o sucesso do processo de Pesquisa Mineral – base de toda a indústria – e dos prejuízos causados pela suspensão informal da normalidade jurídica das autorizações e concessões minerais, este último tema, que é abordado em artigo escrito pelo Presidente da Frente Parlamentar Mista em Defesa da Infraestrutura Nacional Deputado Arnaldo Jardim (PPS-SP), somado às dificuldades que prejudicaram a sustentação de nossa indústria de alumínio (equívocos nas políticas públicas voltadas para a energia, infra-estrutura e gestão ambiental) e a concentração excessiva de nossa indústria mineral no minério de ferro, apesar da diversidade geológica e do potencial de nosso território, fortalecem as afirmações contidas no citado artigo, do qual do qual, para encerrar este Editorial, reproduzimos o parágrafo a seguir:

“...

Portanto, retomar as autorizações do DNPM, acelerar o processo de definição das concessões do setor elétrico e fazer novas rodadas de licitação para a área de produção de petróleo são medidas que já estão maduras e devem ser adotadas, porque significarão uma mobilização de recursos para aquecer a economia e fazer frente à crise.”

Geólogo Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-22/09/2014

Importação de minério de ferro da China em 2014 pode subir 10%, para 900 milhões de toneladas

Reuters

MELBOURNE (Reuters) - As importações de minério de ferro da China podem atingir 900 milhões de toneladas neste ano, um aumento de cerca de 10 por cento sobre 2013, disse um representante de uma associação da indústria nesta segunda-feira, refletindo o apetite firme da maior compradora mundial da matéria-prima.

"Este ano as importações de minério de ferro podem subir para 900 milhões de toneladas", afirmou Li Xinchuang, vice-secretário geral da Associação de Ferro e Aço da China, durante conferência de mineração em Melbourne, acrescentando que mais da metade desse montante deve vir da Austrália.

A China, que compra cerca de dois terços do minério de ferro transportado por via marítima, importou 819,4 milhões de toneladas em 2013.

(Por Melanie Burton)

2-22/09/2014

Minério de ferro cai abaixo de US\$80/tonelada pela primeira vez em 5 anos

Reuters

CINGAPURA (Reuters) - O minério de ferro com entrega imediata na China caiu abaixo de 80 dólares por tonelada nesta segunda-feira pela primeira vez em cinco anos, enquanto os contratos futuros do aço e do próprio minério recuaram 4 por cento nas bolsas asiáticas, para mínimas históricas, pressionados por preocupações sobre o excedente de oferta em um momento de crescimento mais lento na demanda do país que é o maior consumidor mundial das duas commodities.

Perdas também foram registradas no mercado de petróleo e cobre, com os mercados de matérias-primas na China em baixa em meio a temores de que uma pesquisa a ser divulgada na terça-feira possa trazer novas evidências de uma desaceleração da indústria da segunda maior economia do planeta.

Uma oferta abundante já fez os preços do minério de ferro recuarem 40 por cento neste ano. Na sexta-feira eles fecharam a sexta semana consecutiva de perdas.

O minério com teor de 62 por cento de ferro, referência para a indústria, caiu 2,3 por cento nesta segunda-feira, para 79,80 dólares por tonelada, menor cotação desde meados de meados de setembro de 2009, segundo o Steel Index.

O minério de ferro com vencimento janeiro na bolsa de Dalian, na China, caiu 4 por cento, fechando a 556 iuanes (91 dólares) por tonelada, menor nível desde que a bolsa lançou futuros de minério de ferro em outubro do ano passado.

Já o contrato mais negociado do vergalhão de aço na bolsa de Xangai também recuou 4 por cento, para 2.619 iuanes por tonelada, menor patamar para o contrato mais ativo desde o lançamento do produto na bolsa em 2009.

"Fundamentalmente, tanto o mercado de minério de ferro quanto o de aço estão abastecidos demais e não vejo nenhuma sustentação para os preços neste momento", disse um operador de minério em Xangai.

Em nota a cliente, analistas do Australia and New Zealand Banking Group assinalaram que "siderúrgicas chinesas estão oferecendo a venda de cargas de longo prazo de minério de ferro no mercado à vista, o que exacerbou ainda mais o problema de excedente de oferta no curto prazo".

(Por Manolo Serapio Jr.)

3-22/09/2014

Agenda

Moody's

A agência de classificação de risco de crédito Moody's realiza sua conferência anual em São Paulo. Entre os temas abordados no evento, estarão os prospectos para o rating soberano do Brasil após as eleições, os setores de mineração, siderurgia e agronegócio, o efeito da seca prolongada para o setor elétrico e o as perspectivas para os bancos. O evento anual reúne investidores, emissores de bônus e outros participantes do setor financeiro. A participação é gratuita, mas as vagas são limitadas.

Data: 30 de setembro

Horário: das 8h às 12h15

Local: Hotel Caesar Park -- Rua das Olimpíadas - Itaim Bibi, São Paulo - SP

Informações: (11) 3043.730

4-22/09/2014

Leilões devem estimular cadeia de fornecedores

Por Felipe Datt | Para o Valor, de São Paulo

A cidade de Campinas (SP) passou a sediar em 2013 aquela que é considerada a primeira fábrica de geradores fotovoltaicos em escalada industrial no país. A responsável pelo investimento na planta, com capacidade instalada de 25 MW pico/ano, é a DYA Energia Solar, marca criada no ano passado pelo Grupo Tecnometal, fabricante de bens de capital para o setor de mineração e energias renováveis. Até o momento, a produção dos módulos fotovoltaicos atende pequenos projetos residenciais e comerciais - como um projeto no Parque Villa Lobos, em São Paulo, e na sede da Embrapa, em Brasília. Os grandes contratos de fornecimento de sistemas para a geração de energia de fonte solar, entretanto, já começam a aparecer.

"O leilão, caso venha a acontecer e tenha sucesso em volumes contratados, será uma quebra de paradigma. Ainda existem algumas incógnitas, sobretudo na definição do preço-teto, mas já temos alguns memorandos de entendimento com investidores que vão a leilão", resume o presidente do Tecnometal, Marcelus Araújo.

O executivo se refere ao leilão de energia de reserva programado para outubro, cujo sucesso já é considerado uma condicionante para a entrada da energia de fonte solar na matriz - e um estímulo ao desenvolvimento de uma cadeia local de fornecedores. No total, mais de 400 projetos foram cadastrados, que respondem por 10.790 GW. Será a primeira vez que os projetos de energia solar não competirão com outras fontes.

A DYA importou dos EUA equipamentos para a produção dos módulos geradores fotovoltaicos - placas que convertem a luz solar em energia elétrica - e o time de engenheiros conta com profissionais que haviam atuado na Heliodinâmica, primeira fabricante de sistemas fotovoltaicos nacional, que já encerrou as atividades. "Nossa expectativa é que, dependendo da demanda, tenhamos uma fábrica funcionando com capacidade de até 50 MW. Nosso esforço foi o de desenvolver uma indústria capacitada para atender volumes de pedidos no momento em que houver demanda."

Num ano em que a produção nacional de máquinas e equipamentos vai de mal a pior, com queda de 8,3% no primeiro semestre, segundo o IBGE, o exemplo da DYA mostra como fabricantes de maquinário para o setor de energia têm motivos para comemorar. Enquanto a indústria da energia solar ainda engatinha, os fornecedores do setor eólico já se beneficiam do crescimento da demanda pelas usinas. De acordo com o presidente do Conselho de Energia Eólica da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Roberto Veiga, as encomendas de aerogeradores crescem na esteira da demanda gerada pelos leilões de 2013, que somaram 4,7 GW em energia contratada, o equivalente a cerca de 2.400 aerogeradores a serem entregues até 2018.

Some-se a isso a demanda gerada pelo leilão de junho de 2014 (551 MW contratados), além da expectativa com o leilão de energia de reserva de outubro e o A-5, reprogramado para novembro, quando mais 2 GW de energia eólica poderão ser contratados. "Todas essas contratações preveem a fabricação de aproximadamente 3.600 aerogeradores até o final de 2018, uma carga que se bem distribuída na cadeia produtiva pode movimentar R\$ 22 bilhões aos fabricantes de aerogeradores", diz.

Quem já sente o aquecimento nas encomendas do setor de energia é a catarinense Weg. Em 2013, a empresa assinou um acordo tecnológico com a Northern Power Systems para a fabricação de aerogeradores de 2,1 MW de potência em seu parque de Jaraguá do Sul (SC). A primeira encomenda, de 11 aerogeradores, foi entregue em setembro para montagem em um parque eólico em Ibiapina (CE).

Também é prevista a entrega de outras 100 máquinas até o fim de 2015, incluindo 46 aerogeradores que serão instalados em cinco parques geradores em Aracati (CE). Conforme João Paulo Gualberto da Silva, diretor do Departamento de Energia Eólica da Weg, a empresa tem capacidade de entregar 100 aerogeradores de 2,1 MW por ano, com capacidade para chegar a 140 com pouco investimento. "Está em nosso planejamento estratégico de longo prazo aumentar essa capacidade, mas ainda é um planejamento", afirma.

A fabricante de pás para aerogeradores Tecsis, por sua vez, aposta em dois movimentos simultâneos para atender a demanda. O primeiro é a reestruturação do seu parque fabril no interior paulista - atualmente são 11 plantas em Sorocaba e Itu. A estratégia prevê enxugar seis dessas unidades visando simplificar a gestão operacional e transformá-las, até o final de 2015, em apenas uma, que será construída na região de Sorocaba e atenderá o Sul do país e o mercado externo. Ao mesmo tempo, já está em andamento a construção da nova unidade em Camaçari (BA).

Segundo o presidente do conselho de administração, Pércio de Souza, a planta terá capacidade de 1.600 pás/ano. Com isso, o total da Tecsis no Brasil deve passar das 5,4 mil atuais para 8 mil pás, em 2016.

5-22/09/2014

Anuário Mineral ganha pré-lançamento

A quarta edição do Anuário Mineral do Pará, a ser lançada no dia 12 de março de 2015, antevéspera do Dia da Mineração, terá como tema Mineração com Responsabilidade Social. A Vida é nossa maior riqueza, e como particularidade nesse contexto o fato de que as empresas do setor vão expor o que já fizeram e o que pretendem concretizar nas regiões de seus empreendimentos, acatando sugestões das comunidades nos municípios paraenses. Esse processo de concepção e desenvolvimento do Anuário Mineral do Pará 2015 foi anunciado por José Fernando Gomes, presidente do Sindicato das Indústrias de Minerais do Pará (Simineral), entidade responsável pela publicação, durante o pré-lançamento do Anuário, ontem à noite no Restô do Parque da Residência. O Anuário já conta com 18 empresas no projeto, entre patrocinadores e apoiadores.

Já anunciaram participação no projeto do Anuário Mineral do Pará 2015 as empresas: Vale, Hydro, Oyamota do Brasil, Transglobal, Santos Brasil, Alcoa, Brazauro Recursos Minerais, Imerys Rio Capim Caulim, Mineração Rio do Norte, Escritório Silveira Athias, Soriano de Melo, Guimarães e Scaff Advogados, Sinobras, Sotreq, Deltamaq, Alubar, Eko, JGS Corretores de Seguros, Linave e Votarantim Metais – Projeto Alumina Rondon.

O setor da mineração paraense envolve 16 empresas, que respondem por 271 mil empregos diretos e indiretos. Como destacou José Fernando Gomes, a mineração do Pará vai gerar mais 99 mil empregos até 2018, a partir de investimentos na ordem de US\$ 47 bilhões. José Fernando informou que como novidades do Anuário da Mineração está a confecção dessa publicação em papel de reflorestamento; reportagens abordando as três primeiras edições do Anuário; sobre a Comissão de Direito Minerário da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional do Pará (OAB-PA); sobre os 35 anos de funcionamento da Mineração Rio de Norte e acerca dos dez anos da mina de Cobre da Vale em Cachimbo.

Fonte: O Liberal

6-22/09/2014

Aécio quer aprovar o novo Código Mineral

Como um bom político em campanha, o candidato Aécio Neves, discursando neste fim de semana no Vale do Aço, acusa o PT de ter impedido a aprovação do Marco Regulatório da Mineração. Segundo Aécio isso impede a entrada de pelo menos, R\$1 bilhão novos na arrecadação de um Estado como Minas Gerais.

7-22/09/2014

MRM: Governo Dilma volta atrás e aceita negociar o direito de prioridade

Segundo o deputado Leonardo Quintão, relator do Código Mineral, em entrevista dada à InfoMoney, o governo já aceita negociar o direito de prioridade, um dos pontos mais polêmicos do “novo” Marco Regulatório da Mineração. Na versão do MRN do governo o direito de prioridade, que permitia a empresa que descobre uma jazida de requerê-la com prioridade, deixa de existir.

Sem o direito de prioridade as pequenas e médias empresas de pesquisa mineral, que são as responsáveis pela maioria das descobertas, não terão como ganhar um leilão contra uma megamineradora do porte da Vale, por exemplo. Então, por que uma empresa vai investir em pesquisa, investimento elevado e de alto risco, se ela nunca poderá ganhar a jazida que descobrir com seus próprios investimentos?

Será o fim da pesquisa mineral no Brasil e das empresas pequenas e médias de pesquisa. Esta distorção maquiavélica lançada, sub-repticiamente, no corpo do MRM, tira da iniciativa privada o lucro de seus investimentos e dá a descoberta para as grandes empresas: as únicas a ganhar os leilões e licitações. O repúdio ao MRM do governo foi instantâneo e maciço.

Até o relator Quintão, do PMDB, no seu substitutivo, devolve o direito de prioridade à quem primeiro requerer uma área mineral. A notícia dada por Quintão é a primeira boa notícia do assunto MRM em muito tempo. Com certeza trata-se de uma tendência que deverá ser seguida pelo governo que vencer as eleições.

Fonte: www.geólogo.com.br

8-22/09/2014

CPRM apresenta mais de 250 trabalhos no 47º Congresso Brasileiro de Geologia

Salvador (BA) vai reunir, de 21 a 26/9, mais de 2.500 participantes entre pesquisadores, professores, estudantes, gestores públicos, lideranças políticas, empresários do setor mineral, petrolífero e de hidrogeologia no 47º Congresso Brasileiro de Geologia. O evento tem 2.074 trabalhos inscritos e terá quatro conferencistas internacionais (EUA, Holanda e Argentina). O Serviço Geológico do Brasil (CPRM), do Ministério de Minas e Energia, será representado por cerca de 200 pesquisadores que irão apresentar mais de 250 pesquisas técnico-científicas, sobre diversos temas. Também a CPRM estará presente na Expogeo, feira de exposição simultânea ao 47º CBG, no Centro de Convenções da Bahia, com um estande representativo do Sistema MME-SGM-CPRM-DNPM.

O congresso, organizado pela Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), é o mais importante evento da comunidade geológica e tem como principal objetivo difundir os conhecimentos atuais das Geociências, por meio da divulgação de sua produção técnico-científica. Também o evento proporciona um ambiente propício para a discussão de temas políticos envolvendo os setores de atuação dos profissionais nas áreas das Geociências, abre espaço para a geração de oportunidades de negócios envolvendo o setor mineral e petrolífero, fundamentais para o desenvolvimento sustentável do Brasil.

Os pesquisadores da CPRM são de diferentes regiões do país, Rio de Janeiro, Teresina, Brasília, Porto Velho, Belém, Belo Horizonte, São Paulo, Goiânia, Manaus, Porto Alegre, Salvador, Recife e Fortaleza. O diretor-presidente da CPRM, Manoel Barretto e os diretores Roberto Ventura, Thales Sampaio e Antônio Bacelar participam das atividades do Congresso e da solenidade de abertura.

A abertura será realizada no Bahia Café Hall, localizado no Parque Ecológico de Pituáçu. Iniciará às 19h com uma mesa solene que contará com a presença de autoridades do Estado da Bahia, patrocinadores e expositores, além da Comissão Organizadora do Congresso e do Presidente da Sociedade Brasileira de Geologia (SBG). Durante a solenidade, a SBG fará a premiação de associados que se destacaram em 2013 e 2014.

Fonte: Assessoria de Comunicação da CPRM

9-22/09/2014

Gerdau e ArcelorMittal vendem Gallatin

A Gerdau e a ArcelorMittal firmaram um acordo de transação definitivo para vender suas respectivas participações de 50% na Gallatin Steel Company para a Nucor Corporation, por US\$ 770 milhões, sujeito a ajustes usuais de fechamento. A Gallatin é uma mini-mill de aços planos laminados localizada em Gallatin County, Kentucky, EUA, que derrete sucata, ferro-gusa e ferro briquetado a quente de várias fontes, e processa o material para a produção de aços laminados planos. Os ativos da Gallatin

produzem uma ampla gama de aços de baixos a altos graus de carbono, com uma capacidade aproximada de 1,8 milhão de t/ano.

“A decisão de vender Gallatin foi feita para que a Gerdau possa se concentrar em seus principais ativos na América do Norte. Gostaria de agradecer a toda a equipe da Gallatin por seus esforços em fazer a Gallatin uma grande empresa”, disse o Diretor-Presidente da Gerdau (CEO), André B. Gerdau Johannpeter. “A venda de Gallatin tem um valor substancial para os acionistas da ArcelorMittal e é consistente com a estratégia de alienação seletiva de ativos. Eu gostaria de agradecer a todos os colaboradores da Gallatin por seu trabalho duro e compromisso durante os anos que gerenciamos essa empresa”, disse Aditya Mittal, Diretor-Financeiro da ArcelorMittal.

A conclusão da venda está sujeita às condições habituais de fechamento, incluindo a expiração do período de espera do Hart Scott Rodino Antitrust Improvements Act. O fechamento da transação não está sujeito a quaisquer condições de financiamento e está previsto para ser realizado até o final de 2014.

Fonte: Brasil Mineral

10-22/09/2014

Ibama libera obras de megaporto no sul da Bahia

Por **Daniel Rittner e Murillo Camarotto | Valor**

BRASÍLIA - O Ibama concedeu a licença de instalação do Porto Sul da Bahia, em Ilhéus, que prevê investimentos de R\$ 3 bilhões em dois grandes terminais. Com isso, as obras do megacomplexo portuário ficam liberadas. O aval foi dado na quinta-feira passada, mas só foi publicado na manhã desta segunda-feira.

A autarquia ambiental exigiu a implementação de 29 programas de compensações socioambientais para emitir a licença. Também impôs outras exigências, como a proibição do tráfego de caminhões pela rodovia BA-648 e a garantia de passagem de embarcações de pesca na região, durante toda a obra. O valor de R\$ 10,6 milhões foi estipulado como compensação pelos impactos ao meio ambiente.

Em meados de agosto, um parecer assinado por nove analistas do Ibama apontou que o Porto Sul ainda não havia cumprido três condicionantes estabelecidas na licença prévia dada pelo órgão federal. Outras quatro condicionantes haviam sido cumpridas apenas “parcialmente”. O governo da Bahia, responsável pelo empreendimento, contestava esse parecer e assegurava ter atendido a todas as exigências.

O Porto Sul de Ilhéus fica em uma região preservada de Mata Atlântica e com forte apelo turístico. Tem apoio de parte significativa da população local, mas enfrenta a oposição de grupos ambientalistas. A localização do complexo portuária, prevista originalmente para a Ponta da Tulha (ao sul de Ilhéus), teve que mudar devido ao impacto potencial em comunidades indígenas. Diante das pressões, foi para Aritaguá, um estuário ao norte da cidade.

O Porto Sul poderá movimentar até 100 milhões de toneladas no 25o. ano de operação. Ele já teve autorização da Secretaria de Portos. Dois terminais vizinhos estão

previstos. Um é da Bahia Mineração, que explora minério de ferro no município de Caetitê e pretende escoar sua produção pela Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL), cujo traçado termina em Ilhéus. A ferrovia está atrasada.

O outro terminal será explorado, em um sistema de condomínio, por empresas selecionadas pelo governo baiano. Pode envolver a movimentação de minério, grãos e até contêineres.

11-22/09/2014

ESTUDO DIZ QUE BRASIL TERÁ PAPEL GLOBAL ESTRATÉGICO

Em 2035, o Brasil será um país autossuficiente na área de energia, líder na exploração de petróleo em águas profundas e dotado de uma ampla rede de fontes renováveis que o colocarão em uma posição estratégica no planeta. O cenário traçado faz parte do estudo "World Energy Outlook", desenvolvido pela Agência Internacional de Energia (AIE), que aponta a China e a Índia como os principais mercados demandantes de fontes energéticas nas próximas décadas.

No caso do Brasil, a AIE destaca a descoberta de novas jazidas nos campos de pré-sal e a diversidade de fontes renováveis, no caso, eólica, biomassa e solar, capazes de suprir as limitações do potencial hidrelétrico, hipótese admitida pelo governo federal. Porém, alerta a agência, o Brasil terá pela frente o desafio de oferecer os serviços de energia a preços acessíveis, o que exigirá vultosos investimentos.

As conclusões da AIE estão alinhadas com os investimentos previstos para os próximos anos, revela Altino Ventura, secretário de planejamento estratégico do Ministério de Minas e Energia (MME). Na semana passada, o ministério divulgou o Plano Decenal de Expansão de Energia (PDE 2023), que prevê investimentos da ordem de R\$ 1,263 bilhão para os próximos 10 anos, montante que deve representar 2,5% do PIB acumulado no período 2014-2023 ou 11,6% dos investimentos totais do país.

Para chegar a esses números, o governo federal estimou PIB médio de 4,7% ao ano, índice considerado "otimista" por Ventura, mas que não invalida a execução do programa. "Temos uma taxa de crescimento populacional de 1% ao ano e nosso consumo per capita de energia é de apenas 2500 KWh/ano e até 2050 continuaremos crescendo em demanda energética. Como temos fontes renováveis abundantes e excelentes expectativas com o pré-sal, deveremos nos tornar exportadores de energia e mudar o atual quadro, em que importamos 14% da energia usada", afirma.

Hoje, o Brasil importa eletricidade do Paraguai, gás natural da Bolívia e carvão mineral de diversos países, volume que aumentou este ano em função da estiagem que obrigou o acionamento além do previsto das termelétricas. De acordo com o PDE, serão investidos R\$ 879 bilhões (69,3%) na exploração de petróleo e gás, R\$ 301 bilhões (23,9%) em hidrelétricas e R\$ 82 bilhões (6,5%) em biocombustíveis, em especial no etanol e derivados do bagaço de cana.

Até 2023, estarão concluídas as maiores hidrelétricas, como Belo Monte e Jirau, e haverá expansão de 70 mil km de linhas de transmissão, que permitirão um aproveitamento de 170 mil MW. "Mas, a partir de 2025, chegaremos ao limite na construção de novas hidrelétricas e teremos de partir para o desenvolvimento de novas fontes renováveis, reservando parte dos combustíveis fósseis para as termelétricas e usando eólica, solar, biomassa e nuclear como complementares", afirma Ventura.

Para o engenheiro Erik Rego, professor da Poli-USP e sócio da consultoria Excelência Energética, há grande potencial para a expansão da energia eólica, que hoje responde por apenas 2.202 MW (1,7%) da capacidade instalada de geração de energia. "Por estarem situados no litoral árido do Nordeste, onde estão os melhores ventos, os parques ocupam terras baratas, o que dá vantagem competitiva e atrativa para os investidores", afirma.

Fonte: Valor Econômico

12-22/09/2014

Vale cai ao ponto mais baixo do ano

Pressionada pelos investidores que acreditam na sua queda (opções de venda) e pelos baixos preços do minério de ferro a Vale vê suas ações caírem ao ponto mais baixo em 52 semanas. Somente em 2014 o minério de ferro, a principal commodity da Vale, caiu 40%, arrastando consigo os lucros da mineradora.

Mesmo acreditando que os preços deverão retornar aos patamares de US\$95 a US\$105/t em 2015 não há muito a fazer. A hora é de apertar o cinto até que a turbulência passe. As agências de ranking não parecem preocupadas com a Vale e recomendam aos investidores segurar as ações. As últimas informações financeiras mostram que o lucro líquido e as vendas subiram e que os custos estão em queda.

Fonte: www.geologo.com.br

13-23/09/2014

Mais do que 70% dos mineiros de carvão da China estão no prejuízo

Segundo a Associação Chinesa dos Mineradores de Carvão mais de 70% dos mineradores chineses estão perdendo dinheiro. Os mineiros já tiveram cortes de salários, mas as medidas, segundo a associação, não foram suficientes. Eles querem que a produção seja reduzida mais do que 10% para que os preços do carvão subam, pelo menos, 20%.

A situação é dramática. Trinta por cento dos mineradores não conseguiram pagar os salários e 20% já reduziram os salários dos mineiros em 10%. Os estoques de carvão dos portos chineses caíram 8,3%.

Fonte: www.geologo.com.br

14-23/09/2014

Minério de ferro deve se recuperar a US\$100 em até 9 meses, diz Saxo Bank

Reuters

SÃO PAULO (Reuters) - O banco dinamarquês Saxo Bank estima que os preços do minério de ferro deverão se recuperar para próximo de 100 dólares por tonelada dentro seis a nove meses, após tocarem a mínima de cinco anos abaixo de 80 dólares nesta segunda-feira.

O minério com teor de 62 por cento de ferro <.IO62-CNI=SI>, referência para a indústria, caiu 2,3 por cento para 79,80 dólares por tonelada, menor cotação desde meados de setembro de 2009, pressionado por preocupações sobre o excedente de oferta em um momento de crescimento mais lento na demanda da China. [nL2N0RN0KP]

Grandes mineradoras como a brasileira Vale e a australiana Rio Tinto têm aumentado constantemente sua produção nos últimos meses, ao colocarem em atividade novos projetos de expansão de suas minas.

Para o Saxo Bank, a entrada no mercado deste minério de baixo custo deverá retirar do setor diversas mineradoras chinesas, que operam com custos elevados sem conseguir competir com o minério de alta concentração das concorrentes globais.

"Os mais fracos vão cair", disse o diretor de estratégia do Saxo Bank, Ole Hansen, em apresentação a jornalistas nesta segunda-feira.

Numa perspectiva de curto prazo, o Saxo Bank não descarta novas perdas nas cotações.

"Não encontramos um piso ainda... Mas não vejo uma queda grande ante os níveis atuais", disse Hansen.

Segundo ele, o mercado está atualmente reagindo fortemente a temores de nova desaceleração na economia chinesa, o que afetaria a já letárgica demanda pela matéria-prima do aço.

"Eles (China) podem não conseguir manter os níveis recentes de crescimento", ponderou.

O crescimento da indústria da China provavelmente estagnou em setembro, alimentando as preocupações de que a economia pode correr o risco de desacelerar de forma mais acentuada a menos que Pequim lance mais estímulos, mostrou nesta segunda-feira uma pesquisa da Reuters com 19 economistas. [nL2N0RN0PD]

O mercado aguarda a divulgação do Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês) preliminar da indústria do HSBC/Markit de setembro, que ficou em 50, segundo a pesquisa, exatamente na linha que separa expansão e contração. Em agosto do PMI atingiu 50,2. O indicador será divulgado nesta noite, pelo horário brasileiro.

(Por Gustavo Bonato)

15-23/09/2014

Mata Azul SA vai vender todo o concentrado de terras raras aos canadenses

A Mata Azul S.A. com jazimento de terras-raras no Estado do Tocantins, assinou um acordo de venda, de longo prazo, com a Canada Rare Earth Corp (CREC). Desta forma a Canada Rare Earths vai comprar todos os concentrados produzidos pela Mata Azul. As empresas ainda deverão construir uma nova refinaria com capacidade de produção de 6.000t por ano de concentrados.

Em fevereiro deste ano foi feita uma joint venture entre as duas empresas onde a CREC comprou 45% das ações da Mata Azul S.A mas, mesmo com 45% ela detém 50% dos direitos de voto. Na época estimava-se um investimento de US\$90 milhões para a finalização de um estudo de viabilidade econômica no padrão JORC.

Fonte: www.geologo.com.br

16-23/09/2014

EXPORTAÇÃO DE MINÉRIO DE CROMO CRESCE 55 VEZES

A Ferbasa exportou este ano quase 8 mil toneladas de minério de cromo, cerca de 98% da exportação brasileira no período. Com esse volume de embarques, a exportação do país, de janeiro a agosto, foi 55 vezes maior do que aquela realizada no ano passado.

O valor da exportação de cromo da Ferbasa foi de aproximadamente US\$ 1,3 milhão e o volume foi embarcado exclusivamente no porto de Salvador (BA). Em 2012, no mesmo período, o Brasil exportou cerca de 9,3 mil toneladas.

A receita líquida da fabricante de ferroligas e os volumes de vendas atingiram R\$ 62,6 milhões e 16.906 toneladas, respectivamente. De acordo com boletim emitido pela companhia, os destaques foram o crescimento de 6,3% na receita do FeSi75 e a exportação de minério de cromo. A receita foi 0,6% superior à receita de agosto de 2013.

Segundo o boletim, “apesar de uma recuperação no final de agosto, o mercado siderúrgico Europeu continua desaquecido. Como os preços de FeSi [ferro silício] continuam numa tendência de crescimento pela redução da oferta no mercado interno, continuamos priorizando este mercado”.

A Ferbasa vendeu em agosto 9.781 toneladas de ferro cromo alto carbono (FeCrAC), 630 toneladas de ferro cromo baixo carbono (FeCrBC) e 6.495 toneladas de FeSi 75%. Esses volumes representam uma redução em relação ao mesmo período de 2013, “em função das estratégias de reduzir as exportações que possuem margens inferiores para priorizar o mercado interno e estocagem” para o segundo semestre de 2015. Em volume total, foi o pior mês do último ano.

A empresa diz ainda que foi assinado um contrato com uma consultoria líder em gestão de energia para auxiliar na tomada de decisão sobre propostas recebidas para a compra de energia, a medida está alinhada ao plano estratégico definido pela administração.

A Ferbasa afirma, no boletim, que já contratou energia suficiente para cumprir o plano de produção e atendimento aos clientes prioritários a partir do segundo semestre de

2015. Para o biênio 2016-17, além de contratos mais longos a partir de 2018, a companhia afirma ter recebido propostas.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

17-23/09/2014

PARAUPEBAS VAI IMPLANTAR CENTRO TECNOLÓGICO PARA MATERIAIS FERROSOS

A Secretaria de Desenvolvimento do município de Parauapebas (PA) pretende implantar um centro tecnológico para materiais ferrosos na cidade. A declaração foi feita pelo secretário de Desenvolvimento, Wander Nepomuceno, na manhã da última segunda-feira (22/09), durante um evento realizado pela Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração (Seicom) e pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

O Centro Tecnológico de Parauapebas (Cetep), segundo Nepomuceno, funcionará como um suporte às ações de verticalização da cadeia mineral, com ênfase em produtos para siderurgia. O Cetep visa contribuir com a identificação de oportunidades com granulados, finos, rejeitos, produtos reciclados fundidos e com processos de retroalimentação.

“Temos o objetivo de criar um centro de excelência em tecnologia de materiais ferrosos. Contribuir para a verticalização da cadeia mineral, com a geração de empregos e de renda na região sudeste do Pará, tendo o desenvolvimento tecnológico e o relacionamento com a indústria extrativa mineral como bases de competitividade”, disse Nepomuceno.

Em sua palestra sobre a visão do futuro de Parauapebas (PA), o secretário disse que o Cetep tem como estratégias atender às necessidades da indústria extrativa mineral e sua cadeia de fornecedores e clientes; antecipar as demandas com oferta de produtos e serviços; e contribuir na manutenção da liderança do mercado mundial de minério de ferro.

“Nós pretendemos gerar valor ao empreendedor, por meio da aplicação de conhecimentos científicos e tecnológicos aos processos e produtos, criando diferencial competitivo para a cadeia da indústria extrativa mineral, proporcionando conhecimento científico”, afirmou Nepomuceno.

“O desenvolvimento tecnológico precisa ser impulsionado como estratégia de defesa, devido às pressões de clientes e concorrentes da Vale, mesmo com a companhia estando bem posicionada para sustentar seu crescimento em minério de ferro”, afirmou o secretário.

Nepomuceno não deu detalhes sobre o valor do investimento para construir o centro, nem informou uma data específica de inauguração. Ele afirmou que a Secretaria de

Desenvolvimento do município de Parauapebas (PA) possui uma agenda de análises e estudos já programada.

“Parauapebas é a cidade que mais contribui para a balança mineral brasileira. O município exporta 96% de sua produção mineral. É a cidade mais importante para manter a estabilidade econômica do país. Nós precisamos muito de um centro tecnológico”, disse.

O secretário comparou a evolução do setor mineral do Pará com a de Minas Gerais. Segundo ele, o Estado do Sudeste está “bem a frente do Pará, porque possui mais centros de pesquisa e mais profissionais competentes”.

Nepomuceno é engenheiro de minas pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-graduação na Colorado School of Mining, nos EUA, e faz mestrado na Fundação Getúlio Vargas, com uma tese sobre o futuro de Parauapebas (PA). O secretário trabalhou por 28 anos na Vale.

O secretário de Desenvolvimento de Parauapebas ministrou, na manhã da última segunda-feira (22/09), uma palestra na abertura do curso “Desenvolvimento Socioeconômico de Municípios Mineradores”, que faz parte do programa Territórios com Mineração.

Criado por meio de um convênio entre Seicom e UFPA, o programa pretende fortalecer a gestão pública de municípios mineradores do Estado. Com duração de agosto a novembro, a iniciativa promove quatro cursos de extensão, que têm como público-alvo vereadores, representantes do terceiro setor, instituições de ensino e pesquisa, agências de desenvolvimento local e empresários locais.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

18-23/09/2014

MINERADORA FAZ PROSPECÇÃO PARA EXTRAIR OURO

A companhia Água Nova Pesquisas Minerais Ltda vai realizar pesquisas para sondagem de minério de ouro no município de Onça do Pitangui, na região Central do Estado. A empresa obteve licença de operação (LO) junto à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) na última reunião da Unidade Regional Colegiada do Alto São Francisco do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam), realizada no dia 18. Não foi divulgado o valor do investimento.

De acordo com o relatório aprovado pelo órgão ambiental, a pesquisa mineral será feita em uma área conhecida como Jaguará, localizada em Onça do Pitangui. O estudo de pesquisa e mineração, sem guia de utilização, tem validade de três anos e será feito através de furos de sondagem.

Segundo a empresa, para a identificação do minério na superfície e subsuperfície existem diversas técnicas e metodologias para diferentes fases da pesquisa. Primeiro, será feito o mapeamento geológico.

"Tal pesquisa é a etapa que precede a iniciativa de implantação de um projeto minerário, onde a existência de minério é estudada, sendo que nesta fase o corpo de minério é delimitado e quantificado, a fim de verificar que se é ou não técnica e economicamente viável", informou a empresa em relatório enviado à Semad.

Já a sondagem é a etapa intermediária e avançada da pesquisa mineral e consiste na perfuração do solo para a coleta de amostras para análises químicas para identificação das substâncias e teores presentes.

Viável

Ainda de acordo com o relatório, a pesquisa mineral procede qualquer iniciativa de implantação de um projeto minerário e os resultados obtidos na fase de prospecção definirão a existência de uma jazida, ou se esta é ou não técnica e economicamente viável.

"Ressalta-se que a atividade de sondagem é necessária para compor os resultados a serem contemplados no Relatório Final de Pesquisa que a empresa deverá apresentar ao DNPM antes do vencimento de seu alvará de pesquisa", destacou a Água Nova Pesquisas Minerais no documento.

Findado o prazo de três anos, as etapas que se seguem são compostas por detalhamento de sondagem, confirmação de existência de reserva lavrável, avaliação de viabilidade do projeto, para somente então definir a implementação de um empreendimento minerário.

Para essa primeira etapa exploratória de sondagem, onde as ocorrências são inicialmente testadas, foram programadas 179 furos de sondagem. Além disso, a empresa informou que para a instalação do equipamento é necessária a supressão da vegetação de uma área de cerca de 225 metros quadrados. A sonda ficará instalada de cinco a 10 dias.

A empresa prevê que para a realização das atividades serão necessários 22 profissionais, entre operadores de sonda, auxiliares de sondagem, supervisor, geólogos, técnicos de mineração, entre outros. A sondagem será realizada em dois turnos de oito horas cada.

Fonte: Diário do Comércio

19-23/09/2014

VALE FERTILIZANTES ANUNCIA PROGRAMA DE ESTÁGIO

A Vale Fertilizantes está com inscrições abertas para o processo seletivo do Programa de Estágio 2015. Ao todo, serão oferecidas 106 vagas para estudantes do Ensino

Superior e Técnico, nas unidades de Uberaba, Taquari-Vassouras, Tapira, São Paulo, Guará, Cubatão, Cajati, Belo Horizonte, Araxá, Campinas e Catalão.

Os interessados devem se inscrever no site www.valefertilizantes.com, na seção Carreiras, até o dia 9 de outubro. Para todas as vagas, os candidatos devem ter no mínimo 18 anos e estar matriculados em instituições de ensino reconhecidas pelo MEC (Ministério da Educação).

‘O Programa de Estágio da Vale Fertilizantes é um meio de formar e desenvolver estudantes de diversas áreas e cursos. O estudante tem a oportunidade de complementar seu aprendizado teórico com vivência prática em diversas áreas da empresa, e assim formamos jovens profissionais’, comenta Marinildes Queiroz, Gerente de Treinamento e Desenvolvimento.

Para estudantes de nível superior, o estágio regular pode ter a duração de um a dois anos, com carga horária de seis horas diárias. Podem se inscrever alunos que estão cursando graduação, com formação prevista para entre dezembro de 2015 e dezembro de 2016, nas áreas de Engenharia Civil, Química, Ambiental e Produção; Administração, Economia, Engenharia Elétrica, Mecânica e Eletrônica; Engenharia de Automação e Telecom, Engenharia de Petróleo e Gás; Engenharia de Processos; Direito, Tecnologia da Informação; Psicologia; e Engenharia de Edificações; Zootecnia, Veterinária e Agronomia.

O programa também prevê vagas para estudantes de nível superior no estágio de férias continuado, com duração de um ano, sendo três meses presenciais, com carga horária de oito horas diárias. Podem participar alunos que estejam cursando graduação em Engenharia de Minas ou Geologia, com previsão de conclusão em dezembro de 2015.

Para alunos de Ensino Técnico que concluirão o curso em dezembro de 2015, há oportunidades de estágio regular para os cursos de técnico em meio ambiente ou controle ambiental, técnico em segurança do trabalho, química, mineração, técnico em eletrotécnica, elétrica, eletrônica ou eletromecânica. Também podem se candidatar às vagas alunos formados na parte teórica que ainda não tenham cumprido a carga horária de estágio obrigatório.

O processo seletivo contempla provas on-line, dinâmica de grupo e painel com supervisores. A Vale Fertilizantes oferece aos estagiários bolsa-auxílio, transporte, alimentação e assistência médica.

Fonte: Gazeta New

20-23/09/2014

Curtas

Santos Brasil e SEP

A Santos Brasil, responsável por 43% da movimentação dos contêineres do Porto de Santos, aguarda aval da Secretaria Especial de Portos (SEP) para renovação antecipada da concessão, que se autorizada, vai vigorar até 2047. Segundo o presidente da Multiterminais, Richard Klien, sócia da Santos Brasil, uma resolução da Antaq aprovou a possibilidade de fazer a antecipação da renovação e o plano de investimentos. "A questão foi encaminhada a SEP e cabe ao ministro tomar a decisão. Mas, como já é uma decisão que o governo tem anunciado que quer fazer, e tem vários pedidos [similares] na fila, estamos achando que vai ser uma continuidade deste programa", disse. Se autorizado pela SEP, a Santos Brasil vai investir quase R\$ 2 bilhões ao longo do período de concessão. Segundo Klien a parte mais importante dos recursos será investida logo, para a expansão em 220 metros do cais.

Rio Tinto na Mongólia

Uma enorme mina de cobre na Mongólia, em que a mineradora Rio Tinto detém participação, vai precisar de orçamento um pouco maior para expandir a exploração subterrânea, mas o projeto só vai avançar quando todas as questões com o governo do país forem resolvidos. A Turquoise Hill Resources, cuja fatia de 50,8% do capital é detida pela gigante de mineração, afirmou que deve custar US\$ 5,4 bilhões para expandir a mina Oyu Tolgoi, em comparação com a estimativa anterior de US\$ 5,1 bilhões. O número inclui US\$ 500 milhões já gastos neste e no último ano.

21-23/09/2014

Vale a escolha?

O "fim da era" do minério de ferro, como decretou recentemente o banco Goldman Sachs em relatório a clientes, tem despertado dúvidas nos investidores em relação ao futuro das ações da Vale, que amargam perdas de aproximadamente 25% neste ano, levando em conta as preferenciais classe A (PNA). As cotações internacionais do principal produto da empresa brasileira, uma das gigantes da bolsa local, acumulam queda superior a 40% neste ano e, nesta segunda-feira, renovaram o recorde de menor preço dos últimos cinco anos - caindo abaixo de US\$ 80 a tonelada (*ler mais em Minério fica abaixo de US\$ 80 por tonelada*). Com isso, as ações PNA da Vale negociaram com desconto acima dos 4%. Mesmo diante de um cenário tão adverso, e sem perspectiva de melhora em um futuro próximo, analistas têm mantido suas apostas nos papéis da mineradora, considerando o horizonte de pelo menos um ano. A maioria recomenda compra ou, no mínimo, manutenção dos ativos.

Fonte: Valor

22-23/09/2014

Megacomplexo portuário no sul da Bahia consegue a licença ambiental do Ibama Por **Daniel Rittner e Murillo Camarotto** | De Brasília

O Ibama liberou a construção do Porto Sul da Bahia, em Ilhéus, que prevê investimentos imediatos de R\$ 2,2 bilhões em dois grandes terminais portuários de uso privado. A licença de instalação do órgão ambiental, que autoriza o início das obras, foi dada na sexta-feira e divulgada ontem. O empreendimento é contestado pelo Ministério Público e por grupos ambientalistas.

Para emitir a licença do polêmico projeto, a autarquia federal exigiu a implementação de 29 programas socioambientais, como um controle detalhado do processo de erosão e assoreamento da área de influência do megacomplexo. Ações de reorientação da atividade turística e de gerenciamento de resíduos também fazem parte da lista de exigências.

A espera pela licença durou cerca de quatro anos. Localizado em uma região preservada de Mata Atlântica e com forte apelo turístico, o Porto Sul da Bahia tem apoio de parte significativa da população local, mas enfrenta a oposição de organizações não governamentais. O projeto foi planejado originalmente para a Ponta da Tulha, ao sul de Ilhéus, mas teve que mudar devido ao impacto potencial em comunidades indígenas. Diante das pressões, foi transferido para Aritaguá, um estuário mais ao norte.

Dois terminais vizinhos serão erguidos no complexo. Um será construído e operado pela Bahia Mineração (Bamin), que explora minério de ferro no município de Caetité, de onde pretende escoar sua produção pela Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), cujo traçado termina justamente em Ilhéus. A ferrovia está atrasada. O outro terminal ficará sob responsabilidade do governo da Bahia, responsável por todo o processo de licenciamento ambiental, que pretende atrair empresas de vários setores para o uso compartilhado da estrutura.

Em agosto, um parecer assinado por nove analistas do Ibama apontou que o Porto Sul ainda não havia cumprido três condicionantes estabelecidas na licença prévia dada pelo órgão federal, em novembro de 2012. Outras quatro condicionantes haviam sido cumpridas apenas "parcialmente". O governo estadual contestava esse parecer e assegurava ter atendido todas as exigências.

O Porto Sul receberá R\$ 5,6 bilhões em 25 anos. Ao fim desse período, a movimentação poderá chegar a 100 milhões de toneladas por ano, transformando-o em um dos cinco maiores portos do país. Serão aplicados R\$ 2,2 bilhões apenas na primeira etapa.

O coordenador de acompanhamento de políticas de infraestrutura no governo da Bahia, Eracy Lafuente, diz que R\$ 326 milhões serão investidos nos programas exigidos pela licença do Ibama. Ele prevê uma série de ações imediatas, como o início das desapropriações e reassentamentos, além da instalação dos canteiros administrativos e de um centro de tratamento da fauna. Ele não faz uma previsão de quando serão

iniciadas efetivamente as obras. O presidente da Bamin, Francisco Viveiros, não foi encontrado pela reportagem.

Lafuente diz que um edital de seleção de empresas interessadas no uso do segundo terminal será lançado nas próximas semanas. "A licença de instalação nos dá segurança e solidez para colocar o edital na praça", afirma.

23-23/09/2014

Brasil vive o grande desafio do crescimento sustentável

Por **Caio Megale**

Em agosto, o Palmeiras completou 100 anos. Um centenário repleto por conquistas importantes e grandes times. O passado de glórias do "Verdão", no entanto, não garante um presente vitorioso. Foram poucos títulos nos últimos anos e o time vive ameaçado pelo fantasma - por vezes, real - do rebaixamento. Isto acontece a despeito dos esforços de seus dirigentes, que nos últimos anos dispenderam uma boa soma de recursos contratando muitos jogadores e diferentes técnicos. Torcedores e especialistas debatem porque os esforços financeiros não se traduziram em melhor desempenho em campo.

Também em agosto o IBGE divulgou os resultados do PIB do segundo trimestre no Brasil. O PIB recuou 0,6% frente ao trimestre anterior e o IBGE revisou para baixo a variação do primeiro trimestre, também para o campo negativo (-0,2%). Com o resultado, o crescimento deste ano deve se limitar a algo próximo de 0,5%, segundo a pesquisa Focus do Banco Central.

Como no caso do Palmeiras, o desempenho modesto da economia brasileira se dá apesar dos importantes estímulos fiscais e para-fiscais nos últimos anos. Foram implementadas medidas de desoneração tributária e de aumento dos gastos que reduziram o superávit fiscal do governo, mas não foram capazes de melhorar o crescimento econômico.

A estrada para a recuperação está na nossa frente: é possível percorrê-la com boas políticas e determinação

Porque os estímulos não surtiram efeito? Uma análise mais aprofundada do desempenho recente da economia brasileira, especialmente desde 2011, indica que uma boa parte das medidas atingiram seus objetivos. Por exemplo, a redução do IPI de automóveis e da linha branca, a desoneração do crédito ao consumo e o aumento do salário mínimo foram importantes para o forte avanço do consumo até o ano passado. A desoneração da folha de pagamentos contribuiu para manter a taxa de desemprego em patamares historicamente baixos. O programa de sustentação do investimento (PSI) do BNDES, com taxas de juros altamente subsidiadas, levou a uma aceleração da venda de caminhões e máquinas agrícolas.

No entanto, o lado da produção não acompanhou o avanço do consumo. Segundo a pesquisa mensal de indústria do IBGE, a produção industrial brasileira está no mesmo

nível observado em meados de 2007. São 7 anos de estagnação no setor industrial. Em um primeiro momento, a indústria não reagiu ao avanço da demanda principalmente por questões de oferta: o encarecimento dos custos de produção e as restrições de infraestrutura e produtividade reduziram a competitividade dos produtos nacionais, tornando menos clara a opção por aumentar a produção local. Sob estas circunstâncias, os impulsos fiscais acabaram se traduzindo mais em aumento das importações e das pressões inflacionárias do que em crescimento do produto interno.

Em um segundo momento, a cautela da produção passou a refletir também uma desconfiança com relação à sustentabilidade da demanda. O crescimento do consumo não apenas pressionava as contas externas e a inflação, como também aumentou o endividamento de famílias e empresas, algo que não poderia continuar indefinidamente. Além disso, as medidas fiscais reduziram o superávit primário para um patamar que começa a colocar em risco a estabilidade da relação dívida pública/PIB. Nestas circunstâncias, o setor privado sabe que em algum momento as medidas teriam que ser revertidas, o que limita sua efetividade mesmo no curto prazo (um efeito conhecido em economia como "equivalência ricardiana").

Com efeito, estes desequilíbrios acabaram se tornando limite ao crescimento da demanda o que, somado a fatores exógenos como a falta de chuvas, a recessão na Argentina e a maior volatilidade das taxas de câmbio nos países emergentes, levou a economia para retração. As vendas no varejo pararam de crescer, a formação bruta de capital fixo recua há quatro trimestres consecutivos. A confiança de empresários e consumidores está contida, segundo revelam os indicadores da FGV.

O que esperar para frente? Há o desafio da retomada do crescimento. Já há alguma redução do endividamento privado, do déficit externo e das pressões inflacionárias, o que é um primeiro passo. É preciso paciência e persistência para que o ajuste se complete, como destaquei em minha última coluna, em julho. Medidas de estímulo à demanda nesta altura não terão muito efeito, e podem retardar o ajuste. Passada a baixa cíclica, a economia vai gradualmente retomar seu ritmo potencial.

Quando chegarmos lá, o maior objetivo passará a ser acelerar este ritmo de crescimento potencial. Os números do PIB do segundo trimestre dão algumas dimensões dos desafios que teremos pela frente. A taxa de investimento, que subiu de 16% para 19% entre 2004 e 2010, recuou desde então para 17%. Mais complicado, a taxa de poupança doméstica - que, em última análise, determina a capacidade de investir do país - recuou para apenas 12% do PIB. Moderar o consumo do setor público, manter e aprimorar o programa de concessões de infraestrutura e avançar nas reformas estruturais são fatores cruciais para reverter este quadro.

Não há dúvidas que a economia brasileira tem um grande potencial de crescer e retomar os anos de expansão econômica. Temos um mercado consumidor amplo e diversificado, um longo cronograma de investimentos em infraestrutura para ser executado, uma agricultura moderna e um enorme potencial em setores como mineração e energia. Mas não bastam medidas intempestivas de curto prazo, é preciso avanços e ajustes mais

estruturais. Os desafios são grandes, mas a estrada para a recuperação está bem na nossa frente: com boas políticas e determinação, é possível percorrê-la.

Caio Megale é economista do Itaú Unibanco

24-23/09/2014

London Mining cobra pré-pagamento da Glencore

Por **James Wilson** | **Financial Times**

A London Mining envolveu-se em uma disputa com a Glencore por pagamentos por minério de ferro de sua mina na África ocidental, contribuindo para os problemas que a produtora emergente enfrenta, no momento em que o preço da commodity cai bastante.

A Glencore, mineradora e negociadora de commodities que tem um contrato conhecido como acordo de escoamento para a compra de minério de ferro da London Mining, recusou-se a fazer um pré-pagamento solicitado, segundo informou a London Mining. A Glencore não quis fazer comentários sobre o assunto ontem.

O preço do minério de ferro caiu este ano e o contrato global no mercado futuro caiu ontem abaixo de US\$ 80 a tonelada, em comparação à média de US\$ 135 a tonelada em 2013. A queda aumenta a pressão sobre as produtoras africanas de custos mais altos como a London Mining, que está tentando conseguir um parceiro estratégico para ajudar a garantir seu futuro e seus planos de expansão com uma injeção de capital. A ação da London Mining caiu 10,6% ontem.

A mineradora, cujo projeto fica em Serra Leoa, país atingido pelo surto do vírus ebola, teve de firmar um acordo amplo com bancos no mês passado para conseguir capital de giro de curto prazo. Ela produz cerca de 5 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, dos quais a Glencore fica com cerca de 2 milhões de toneladas.

Graeme Hossie, diretor-presidente da London Mining, disse: "Com a Glencore, uma certa porcentagem de toda venda é paga adiantada, até o limite de US\$ 27 milhões... a disputa está em torno desses pagamentos". Os outros acordos de escoamento da mineradora são com Vitol e Cargill, que segundo Hossie "se sustentam".

A London Mining disse que está negociando com um de seus bancos para uma reposição de liquidez de curto prazo. Também afirmou ontem que concordou com os termos de uma linha de crédito rotativo pré-exportação de US\$ 30 milhões com o Afreximbank, mas que o acordo ainda precisa ser aprovado por seus atuais credores.

"Todas essas discussões estão em andamento, embora não haja nenhuma certeza... de que os acordos poderão ser implementados para tal financiamento de substituição. Os credores da companhia continuam nos apoiando."

Hossie disse que a mineradora recebeu "muitos telefonemas" de partes interessadas em comprar minério de ferro se o acordo com a Glencore for cancelado, uma opção que a London Mining disse estar considerando. A ação da London Mining caiu 2,75 pence ontem para 23,25 pence. A ação da Glencore recuou 17,55 pence, ou 4,9%, para 341,9 pence.

25-23/09/2014

Desaquecimento chinês derruba preço dos metais

Por **Ese Erheriene e Matthew Cowley** | **The Wall Street Journal**

Os preços dos metais caíram ontem à medida que os investidores começaram a aceitar que o governo chinês não deve adotar novos estímulos econômicos, pelo menos neste momento, apesar dos sinais recentes de enfraquecimento da segunda maior economia do mundo.

Os preços do níquel caíram ontem 4,2% e fecharam a US\$ 17.025 por tonelada. O zinco recuou 1,5% no dia, para US\$ 2.240 a tonelada, e o cobre caiu 1,6%, para US\$ 3.038 a libra.

As cotações das ações das grandes empresas mineradoras também caíram fortemente ontem, liderados pela mineradora e trading suíça Glencore PLC, cuja ação recuou 4,09%, para 3,42 libras (cerca de U\$ 5,59). As ações da Rio Tinto caíram 3,8%, para 30,59 libras, e as da BHP Billiton PLC tiveram queda de 3,5%, para 17,31 libras.

Além das preocupações com a economia da China, o fortalecimento do dólar pressiona os preços dos metais

São crescentes as preocupações de que a China, um dos maiores produtores e consumidores de metais básicos do mundo, ficará bem aquém da sua meta de crescimento para 2014, de 7,5%. Muitos investidores acreditavam que o governo iria agir para mudar isso, por isso apostaram na alta dos metais.

Ao longo da semana passada, dois sinais claros fizeram os investidores em metais pararem para pensar. Primeiro, o governo forneceu cerca de 500 bilhões de yuans (US\$ 81,4 bilhões) para os cinco maiores bancos do país, um valor menor do que muitos investidores esperavam e uma forma de estímulo estritamente direcionada que não espera-se que seja direcionada diretamente para a economia.

Segundo, no fim de semana, o ministro das Finanças da China, Lou Jiwei, disse que o governo não irá alterar sua política econômica apenas porque um dado econômico foi decepcionante.

Embora o ministro não tenha dito a que dado se referiu, seu comentário foi amplamente considerado um sinal de que o governo está relutante em prover o tipo de estímulo que o mercado de metais estava esperando.

"Eu acho que é uma completa surpresa que eles não tenham feito mais para o lado do afrouxamento, mas isso é aquilo que eles vem nos falando", diz Joseph Murphy, analista de commodities na Hermes Investment Management, que administra US\$ 400 milhões em ativos de commodities e assessora outro US\$ 1 bilhão. "Foi uma surpresa para o mercado porque acho que eles esperavam mais."

A possibilidade de uma nova ação da China não está sendo inteiramente desconsiderada. Ainda há algumas expectativas que, se a economia recuar a um ritmo mais rápido, o governo intervirá.

"Em algum momento, se [a economia] ficar concretamente pior a partir daqui, [o governo chinês] intervirá, mas no momento acho que precisamos ver mais dados fracos", diz Murphy.

Um primeiro sinal importante virá dos dados de produção da China que serão divulgados hoje. Se o resultado for menor que 50, como alguns analistas esperam, isso indicaria que a economia chinesa está desacelerando.

Além das preocupações com a China, o fortalecimento do dólar está pressionando os preços dos metais. Os contratos são quase sempre em dólar e os preços geralmente caem quando o dólar se fortalece. Esse tem sido o caso nas últimas semanas com os mercados se preparando para o banco central americano, o Fed, começar a elevar os juros. Juros mais altos nos EUA atrairiam mais dólares, fortalecendo a moeda americana.

Outro metal importante, o minério de ferro, também caiu. O preço de referência do minério de ferro com 62% de ferro importado através do porto chinês de Tianjin recuou 2,3%, para US\$ 79,80 por tonelada ontem, segundo dados da empresa de pesquisa Steel Index. Os preços já caíram cerca de 40% desde o início do ano.

O minério de ferro "é uma parte tão grande do desenvolvimento chinês que a demanda chinesa, isolada, é mais um indicador de saúde" ou fraqueza do que outros metais, diz Jodie Gunzberg, diretora global de commodities da S&P Dow Jones Indices.

O mercado não está apostando em um colapso dos preços dos metais. A maioria vê a queda de ontem limitada ao fim de um entusiasmo excessivo que havia sido criado ao redor das possíveis ações do governo chinês. Mas o gigante asiático continua sendo um grande agente global e, mesmo com um ritmo de crescimento ligeiramente menor, manterá seu apetite voraz por matérias-primas. Uma série de mercados de metais deverá entrar em déficit, com a demanda superando a oferta.

"Um dólar americano mais forte tirou o brilho desses metais e incentivou uma onda de vendas neste momento, mas as questões fundamentais permanecem e esperamos que o mercado comece a se concentrar na falta futura do crescimento da oferta de cobre e zinco à medida que caminhamos para 2015", diz Catherine Raw, gestora de fundos da BlackRock.

26-23/09/2014

Minério fica abaixo de US\$ 80 por tonelada

Por **Olivia Alonso, Daniela Meibak e Stella Fontes | De São Paulo**

O preço do minério de ferro rompeu ontem o patamar de US\$ 80 por tonelada no mercado à vista chinês ao ser vendido por US\$ 79,80 a tonelada. Foi o valor mais baixo desde 17 de setembro de 2013, quanto a cotação foi exatamente a mesma. Em uma acelerada trajetória de queda, o minério já acumula desvalorização de 9% em setembro e de 41% no ano. Em 2014, o preço mais alto foi registrado logo no início do ano, quando a matéria-prima estava em US\$ 135 a tonelada na China.

O aumento da produção da commodity neste ano e as previsões de novos projetos para os próximos 30 meses têm contribuído para a queda da cotação. Apenas em 2014, é esperado um volume adicional de pelo menos 150 milhões de toneladas em relação ao ano passado. Para o ano que vem, analistas calculam outras 145 milhões de toneladas de novas operações.

Como os novos projetos têm custos de produção mais baixos - principalmente nos casos da Vale e das australianas Rio Tinto, BHP Billiton e Fortescue Metals - o mercado global de minério de ferro está passando por um momento de mudança conjuntural.

Mineradoras que possuem custos mais altos não estão conseguindo manter as operações atualmente, e um novo patamar de preços é esperado para os próximos anos. Picos de US\$ 150 por tonelada, observados no passado, não devem se repetir, dizem os analistas. Em geral, esperam valores de US\$ 80 a US\$ 100 por tonelada para os próximos anos.

Analistas do Barclays afirmaram em relatório recente que a queda do preço de US\$ 130 para US\$ 90 por tonelada provoca uma redução na oferta global de 160 milhões de toneladas, com o fechamento de operações menos produtivas.

Para a demanda, analistas estimam crescimentos anuais de 3% a 7,5% neste e nos próximos anos, puxados principalmente pela China. Há, porém, preocupações com o ritmo de crescimento da economia chinesa, o que pode levar a uma desaceleração das compras. No ano passado, as siderúrgicas do país foram responsáveis por 66% das importações globais de minério de ferro, muito acima dos 14% de 2000, dizem analistas do Citi em relatório.

No mercado global de aço, dados divulgados ontem pela Worldsteel, principal associação internacional do setor, mostram uma ligeira desaceleração da indústria. A produção cresceu 1,4% em agosto, para 134,956 milhões de toneladas, segundo a entidade. Frente a julho, no entanto, houve queda de 1,3%, depois de o volume produzido naquele mês ter ficado estável em relação a junho.

Com esse desempenho, no acumulado do ano até agosto a produção mundial de aço bruto ficou em 1,096 bilhão de toneladas, 2,4% acima do registrado no mesmo período

de 2013. A China, maior produtora do mundo, fez 68,9 milhões de toneladas de aço em agosto, só 1% acima do volume produzido no mesmo mês de 2013.

Dentre outros países relevantes para o setor siderúrgico, o Japão ampliou em 2,2% a produção, para 9,3 milhões de toneladas, e a Índia produziu 7 milhões de toneladas, alta de 5,2%. Na Coreia do Sul, o volume somou 5,3 milhões de toneladas, alta de 0,8% em um ano. A Alemanha produziu 3,1 milhões de toneladas de aço no mês passado, com queda de 1%. A produção de aço na Rússia, por sua vez, ficou em 6,2 milhões de toneladas, com avanço de 5,8%. Os Estados Unidos produziram em agosto 7,7 milhões de toneladas de aço bruto, com expansão de 2,9%, e o Brasil registrou produção de 2,9 milhões de toneladas, queda de 1,4%.

Segundo a Worldsteel, a utilização de capacidade instalada das siderúrgicas atingiu 74,2% em agosto, 1,4 ponto percentual menos do que um ano antes.

27-23/09/2014

De quem são os asteroides?

O Congresso Americano pretende discutir leis que regulem a exploração espacial, mais especificamente a mineração espacial. O assunto parece estar em voga atualmente e eles acreditam que estabelecer uma base legal sobre o assunto pode incentivar o interesse no setor.

A proposta apresentada, intitulada ASTEROIDS (quanta criatividade) da American Space Technology for Exploring Resource Opportunities In Deep Space, tenta trabalhar com as leis hoje em vigor, notadamente o Tratado de 1967 sobre a exploração espacial, que proíbe nações de reclamar para si corpos celestes. A nova legislação dará às empresas norte-americanas o direito sobre qualquer material que for minerado em asteroides, sem no entanto dar o direito de reivindicar o asteroide em si. É uma abordagem parecida com o que é aplicado a recursos localizados nos mares em profundidades muito grandes (como as áreas de pré-sal), uma área que também é muito mais especulativa do que real atualmente. A legislação precisará de aperfeiçoamentos, claro, a medida que outras nações aderirem a esta prática.

É importante que exista uma autoridade internacional para regular esse tipo de atividade (como é o caso da Convenção das Nações Unidas para as Leis do Mar), pois desde 1980 os Estados Unidos reconhecem reciprocamente com outras nações o tratado e o direito das nações de explorarem seus próprios oceanos.

Aplicados ao espaço, estes tratados podem não só oferecer seguranças legislativas de longo prazo aos exploradores espaciais, mas quem sabe também incentivar a colaboração global em empreendimentos na área.

Fonte: Meibit

28-24/09/2014

Mineradora faz prospecção para extrair ouro

A companhia Água Nova Pesquisas Minerais Ltda vai realizar pesquisas para sondagem de minério de ouro no município de Onça do Pitangui, na região Central do Estado. A empresa obteve licença de operação (LO) junto à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) na última reunião da Unidade Regional Colegiada do Alto São Francisco do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam), realizada no dia 18. Não foi divulgado o valor do investimento.

De acordo com o relatório aprovado pelo órgão ambiental, a pesquisa mineral será feita em uma área conhecida como Jaguará, localizada em Onça do Pitangui. O estudo de pesquisa e mineração, sem guia de utilização, tem validade de três anos e será feito através de furos de sondagem.

Segundo a empresa, para a identificação do minério na superfície e subsuperfície existem diversas técnicas e metodologias para diferentes fases da pesquisa. Primeiro, será feito o mapeamento geológico.

“Tal pesquisa é a etapa que precede a iniciativa de implantação de um projeto minerário, onde a existência de minério é estudada, sendo que nesta fase o corpo de minério é delimitado e quantificado, a fim de verificar que se é ou não técnica e economicamente viável”, informou a empresa em relatório enviado à Semad.

Já a sondagem é a etapa intermediária e avançada da pesquisa mineral e consiste na perfuração do solo para a coleta de amostras para análises químicas para identificação das substâncias e teores presentes.

Viável

Ainda de acordo com o relatório, a pesquisa mineral procede qualquer iniciativa de implantação de um projeto minerário e os resultados obtidos na fase de prospecção definirão a existência de uma jazida, ou se esta é ou não técnica e economicamente viável.

“Ressalta-se que a atividade de sondagem é necessária para compor os resultados a serem contemplados no Relatório Final de Pesquisa que a empresa deverá apresentar ao DNPM antes do vencimento de seu alvará de pesquisa”, destacou a Água Nova Pesquisas Minerais no documento.

Findado o prazo de três anos, as etapas que se seguem são compostas por detalhamento de sondagem, confirmação de existência de reserva lavrável, avaliação de viabilidade do projeto, para somente então definir a implementação de um empreendimento minerário.

Para essa primeira etapa exploratória de sondagem, onde as ocorrências são inicialmente testadas, foram programadas 179 furos de sondagem. Além disso, a empresa informou que para a instalação do equipamento é necessária a supressão da vegetação de uma área de cerca de 225 metros quadrados. A sonda ficará instalada de cinco a 10 dias.

A empresa prevê que para a realização das atividades serão necessários 22 profissionais, entre operadores de sonda, auxiliares de sondagem, supervisor, geólogos, técnicos de mineração, entre outros. A sondagem será realizada em dois

29-24/09/2014

Mineração: Marina abre o jogo

A equipe de Marina Silva, em resposta a uma carta da ANSDNPM a associação do DNPM, abre o jogo e discorre sobre a mineração. No corpo dessa carta são discutidos temas polêmicos que Marina pensa introduzir no novo Código da Mineração como:

- CFEM: a ideia é fazer uma “correção” da CFEM em base ao modelo do petróleo. Se esse modelo for aplicado “ipsis literis” na mineração irão surgir enormes distorções e custos que irão inviabilizar muitos projetos.
- Seguro e garantias contra riscos ambientais: outro ponto que é polêmico e pode também matar projetos no nascedouro.
- Indenização das comunidades afetadas direta e indiretamente... termo vago de grande abrangência. Um potencial impeditivo da mineração.
- Leilões públicos: Marina aprova os leilões públicos para as concessões das reservas minerais. Ou seja, não haverá o direito de prioridade nos seus planos. Com isso acaba a pesquisa mineral feita por empresa de pesquisa. Fim das operações das junior companies no Brasil.
- Garantir o direito de lavra aos que investirem preservando o sistema de outorga de títulos minerários. Aqui Marina soa inconsistente, pois o atual sistema de outorga de títulos minerários usa o direito de prioridade e não as licitações e leilões públicos. Talvez ela queira dizer que serão garantidos os direitos de lavra aos ganhadores do leilão, que investirem...
- Levar em consideração condenações judiciais, administrativas, sonegação e problemas trabalhistas como critérios nas licitações: é a criação da ficha-suja da mineração. Se for levada ao pé da letra quase todas as empresas, incluindo as gigantes como a Vale, terão alguns desses problemas no seu currículo. Ela deveria focar na capacidade técnico-financeira da empresa... pois é isso que faz o projeto ser bem sucedido.
- Cobrança pelo uso da água: Marina vai criar mais um imposto sobre a mineração, travestido nesta cobrança. Dependendo do valor este imposto pode inviabilizar a empresa e não considera a redução do custo para empresas que tratam e reutilizam a água...

A carta do grupo de Marina Silva mostra claramente como vai ser a mineração no seu governo.

Fonte: www.geologo.com.br

30-24/09/2014

DNPM promove curso sobre novo sistema AMBweb

O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) realiza, entre os dias 8 a 19 de setembro, no edifício sede, em Brasília, o treinamento do novo sistema AMBweb, que tem como objetivo familiarizar os servidores com esta nova ferramenta, por meio da qual será possível depurar os dados informados pelos mineradores na declaração do Relatório Anual de Lavra – RAL, com a intenção de gerar dados para a elaboração do Anuário Mineral Brasileiro – AMB.

O novo sistema também irá subsidiar outras publicações da autarquia. Essa ação foi organizada pela Diretoria de Planejamento e Desenvolvimento da Mineração – Diplam, e apoiada pela Diretoria-Geral do órgão.

Segundo o diretor-geral substituto do DNPM, Victor Hugo Froner Bicca, o ganho maior é a possibilidade de assegurar a publicação de AMB de forma mais sistêmica e continuada. “Outra importância do sistema é a possibilidade de ações integradas das diretorias técnicas”, frisou.

Bicca comentou ainda que o diretor-geral do DNPM, Sérgio Dâmaso, assegurou a aquisição de equipamentos de informática compatíveis com as tarefas a serem desenvolvidas pelos técnicos que estão em treinamento.

Fonte: DNPM

31-24/09/2014

Vale participa de eventos de recuperação ambiental

A Vale participou, na última semana, de importantes eventos relacionados à recuperação ambiental, em Foz do Iguaçu, no Paraná. Entre eles, o X Simpósio Nacional de Recuperação de Áreas Degradadas (SINRAD), de 15 a 16 de setembro. A iniciativa da Sociedade Brasileira de Recuperação de Áreas Degradadas é o maior evento do gênero no País e acontece desde 1992, a cada dois anos, sempre com o patrocínio e participação da Vale.

O tema deste ano foi ‘Soluções Práticas em recuperação de áreas degradadas’ e o encontro contou com grande quantidade de trabalhos submetidos e de participantes. Além do patrocínio, a Vale tem um envolvimento ativo no Simpósio, com a participação de 21 empregados e a apresentação de oito trabalhos técnicos desenvolvidos com o nosso apoio.

Também está sendo realizado nesta semana, também em Foz do Iguaçu, o Seminário Internacional de Engenharia Natural, que estreia este ano, abordando técnicas que enfatizam a utilização de elementos naturais no tratamento de áreas alteradas. Outras ações da programação são minicursos sobre temas correlatos, visitas técnicas à usina de Itaipu e oficina temática sobre a recomposição florestal de margens do reservatório e Corredor de Biodiversidade.

Fonte: Vale

32-24/09/2014

Finalmente Porto de Ilhéus recebe licença do Ibama

Após quatro anos de espera, quando foram congelados investimentos de centenas de milhões de dólares, nas minas de minério de ferro da Bahia, o Porto Sul, no município de Ilhéus, poderá ser construído. O início das operações do porto ocorrerá quando for concluído o terminal da Bamin, empresa controlada pelo Grupo Cazaque ENRC, que controla a jazida de minério de ferro do Projeto Pedra de Ferro em Caetité.

Somente a Bamin pretende transportar 20 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, o que deverá utilizar a capacidade total da ferrovia Oeste-Leste e do porto. Os investimentos a serem feitos no Porto Sul serão de R\$5,6 bilhões. A história retrata um dos grandes problemas que os mineradores tem que enfrentar no Brasil: os intermináveis atrasos nas licenças ambientais que ridicularizam a imagem do Brasil e afastam os investidores.

Situações como essa atrasaram empregos de milhares e recolhimentos de centenas de milhões em um País que ainda luta com a pobreza. Um dos muitos entraves que impedem a economia brasileira de crescer e que nos condenam à eterna posição de país de terceiro mundo.

Fonte: www.geólogo.com.br

33-24/09/2014

Anglo American obtém licença de operação para mineroduto do Minas-Rio

Reuters

DESTAQUES EM MUNDO

RIO DE JANEIRO (Reuters) - A Anglo American obteve licença de operação do Ibama para o mineroduto do projeto Minas-Rio, um passo importante para a grande aposta em minério de ferro da companhia no Brasil, informou a mineradora nesta quarta-feira.

O mineroduto, de 529 quilômetros, levará minério de mina e unidade de beneficiamento da Anglo em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, em Minas Gerais, até o Porto do Açu, no Estado do Rio de Janeiro.

O empreendimento da Anglo, que deverá custar ao todo 20 bilhões de reais, muito mais do que o orçado inicialmente, terá capacidade anual de produção de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro. Essa também é a capacidade de transporte do mineroduto. A capacidade total do mineroduto deverá ser atingida entre 18 e 20 meses após o início da operação, sendo que para 2015 a empresa prevê entre 11 milhões e 15 milhões de toneladas.

"Nosso foco total continua sendo o primeiro embarque no final de 2014, de forma segura e responsável", frisou a Anglo, em nota.

Para o cumprimento da meta, a mineradora busca obter, neste trimestre, a licença de operação da mina e da planta de beneficiamento.

O terminal portuário --gerenciado pela joint venture Ferroport, com participação de 50 por cento da Anglo e 50 por cento da Prumo Logística (ex-LLX)-- teve licença operacional expedida em maio.

A empresa conseguiu também uma licença temporária para a linha de transmissão de energia de 230 kV, que deverá ser convertida em definitiva.

O projeto está atualmente em fase de comissionamento. Até o momento, 95 por cento das atividades necessárias para a realização do primeiro embarque foram realizadas.

Como parte dos testes, a Anglo concluiu em 24 de agosto o transporte da primeira carga de minério de ferro por meio do mineroduto.

A empresa reiterou ainda que os investimentos para a implantação do empreendimento permanecem alinhados com a estimativa informada em janeiro de 2013 de aproximadamente 20 bilhões de reais.

O investimento, porém, é muito mais alto que o previsto quando a Anglo começou a apostar no projeto.

Em abril de 2007, quando a mineradora comprou seus primeiros 49 por cento de participação do Minas-Rio, a previsão era que a primeira fase do projeto, de 26,5 milhões de toneladas de capacidade, iniciasse a produção em 2009, com um investimento total estimado em 2,35 bilhões de dólares.

Dos investimentos atuais previstos de 20 bilhões de reais, já foram gastos cerca de 15 bilhões de reais, com previsão de gasto de 2,7 bilhões de reais ao longo do segundo semestre deste ano, segundo a companhia.

Os 2,2 bilhões de reais restantes deverão ser empenhados em 2015, para a conclusão completa do quebra-mar e aquisição de equipamentos da área da mina para o ramp up.

Após investir em pesquisas, a Anglo conseguiu praticamente quadruplicar os recursos minerais estimados do projeto para 5,7 bilhões de toneladas, ante o total estimado inicialmente.

Atualmente, segundo a empresa, o Minas-Rio tem 1,45 bilhão de toneladas de reservas certificadas, das quais 685 milhões de toneladas são comercializáveis.

(Por Marta Nogueira)

34-24/09/2014

Cenário político faz ações da Vale sofrerem mais do que concorrentes internacionais

Preço do minério de ferro, abaixo dos US\$ 80, e cenário eleitoral têm desvalorizado papéis da mineradora

POR ANA PAULA RIBEIRO

SÃO PAULO - As ações da Vale estão apanhando mais do que os papéis de suas principais concorrentes, as australianas BHP e a Rio Tinto. A principal razão é o preço do minério de ferro em seu menor patamar em cinco anos, abaixo dos US\$ 80, mas o cenário eleitoral também tem influenciado a desvalorização dos papéis da mineradora brasileira.

Segundo analistas, é uma dupla penalização. A primeira influência negativa é da queda nos preços nos pregões em que a aversão ao risco Brasil está maior. E quando o mercado está mais favorável aos ativos brasileiros, os investidores estão dando preferência aos papéis ligados ao chamado "kit eleições" (estatais e setor bancário), o que faz com que a Vale tenha uma recuperação de preço mais lenta.

Tendo como base os recebidos de depósitos de ações de empresas estrangeiras negociados na Bolsa de Nova York (ADRs, American Depositary Receipts), a Vale tem, no ano, uma queda de 25,1%, ante 9,9% da BHP Billiton e de baixa de 9,7% nos ADRs da Rio Tinto.

— O cenário eleitoral não está resolvido. Houve alguns pregões em que a Bolsa subiu mas a Vale caiu porque, em caso de vitória da candidata Marina Silva (PSB), começou a se especular sobre a dificuldade na obtenção de licenças ambientais, o que prejudicaria os projetos da Vale — explicou Daniela Martins, analista da corretora Concórdia, acrescentando que também não há previsão para a votação do Código de Mineração pelo Congresso Nacional.

Um analista de uma corretora estrangeira afirmou que, com o cenário instável no Brasil no curto prazo, devido à disputa eleitoral, boa parte dos investidores estrangeiros tende a deixar a Vale de lado porque podem migrar os aportes para alternativas similares, evitando assim possíveis sobressaltos relacionados à incerteza política.

O analista chefe da corretora SLW, Pedro Galdi, também concorda que o ambiente da Bolsa brasileira tem contribuído para acelerar a desvalorização.

— Ela está sofrendo também com o ambiente da nossa Bolsa, não é só China. Há um ajuste técnico muito forte em curso. E quando a Bolsa entra em recuperação por causa do cenário político, a Vale fica em segundo plano — diz.

Em comum, todas as mineradoras estão sofrendo com a queda no preço do minério de ferro, que caiu de mais de US\$ 130 no início do ano para US\$ 79,40 a tonelada na terça-feira na China, o principal mercado consumidor da matéria-prima. Esse movimento é justificado pela desaceleração da economia chinesa, que tem mantido os estoques dos produtos em níveis elevados, e à entrada de produção de novas minas.

A composição dos resultados da Vale também não tem ajudado o desempenho de suas ações. Embora a queda no valor da matéria-prima atinja a todas as mineradoras — o preço varia um pouco de uma para outra devido à qualidade do produto, medido pelo teor de ferro —, as ações da Vale são mais atingidas porque cerca de 80% das margens da empresa são provenientes da comercialização do minério de ferro, enquanto os resultados da BHP e da Rio Tinto são mais diversificados, com participação significativa de outros minérios, como o cobre.

A expectativa é que as ações das mineradoras, e principalmente da Vale, continuem pressionadas no curto prazo. Isso porque já se espera que a China cresça abaixo dos esperados 7,5% e o governo do país asiático já indicou que não tomará medidas de estímulos para evitar a desaceleração. Nesse cenário, fica mais difícil o preço do minério de ferro retornar para a casa dos US\$ 100, o que era esperado para ocorrer nesse semestre. Com o preço do minério de ferro em um patamar menor por um período maior, já se espera uma onda de revisão de preços das ações da Vale para baixo.

No entanto, Daniela, da Concórdia, afirma que para investidores de longo prazo o papel da mineradora brasileira é uma boa alternativa. Isso porque, com o valor menor do minério, as produtoras de alto custo, mesmo as localizadas na China, já estão recebendo menos por tonelada do que o custo da produção, então devem se retirar do mercado. Isso não afeta a Vale, que trabalha com lucro mesmo com a tonelada abaixo dos US\$ 80, já que seu custo de produção está em torno de US\$ 40.

Esse custo deve ficar ainda menor quando entrar em funcionamento um dos projetos da Vale, o S11D, em Carajás, o que está previsto para ocorrer no segundo semestre de 2016, e que deverá fazer com que a tonelada produzida tenha um preço inferior a US\$ 20. Ou seja, a Vale está garantindo para o futuro melhores margens, mesmo em momentos de preço desfavorável no mercado internacional.

Fonte: O Globo

35-24/09/2014

Indiana JSW espera importar 10 mi de toneladas ou mais de minério de ferro

A JSW Steel, terceira maior fabricante de aço da Índia, disse que está planejando aumentar as importações de minério de ferro para 10 milhões de toneladas neste ano fiscal e que esse número poderia aumentar ainda mais se a escassez interna continuar e os preços internacionais ficarem baixos.

Anteriormente, a empresa estava planejando importar 6 milhões de toneladas, mas um forte salto nos preços locais devido a recentes encerramentos de minas obrigou-a a considerar mais remessas.

Os preços do minério de ferro no mercado à vista global caíram 40 por cento este ano, para seus níveis mais baixos desde 2009, com mineradoras globais inundando o mercado com suprimentos de baixo custo.

A Índia, que era o terceiro maior exportador de minério de ferro antes de medidas contra a mineração ilegal nos últimos três anos terem cortado o abastecimento, poderia enfrentar uma escassez de 30 milhões de toneladas neste ano fiscal até 31 de março, disse o diretor administrativo da JSW, Seshagiri Rao, à Reuters.

A maior parte do déficit seria suprido por meio de importações da Austrália, Canadá, África do Sul e Brasil, disse.

“Os preços internacionais estão em mínimas de cinco anos, mas na Índia os preços estão subindo”, disse Rao. “Está se tornando mais barato importar e também é de melhor qualidade. Vamos, naturalmente, aumentar ainda mais as importações se a situação não mudar.”

Fonte: Reuters

36-24/09/2014

Austrália reduz projeção de preços do minério de ferro em 2015

A Austrália reduziu sua previsão para os preços do minério de ferro em 2015 devido a uma alta na oferta, mas ainda espera uma recuperação ante os atuais níveis, os menores em cinco anos, com a expectativa de que mineradoras de alto custo sejam forçadas a sair do mercado.

O órgão oficial de previsões da Austrália reduziu a projeção de média de preços em 2015 para 92,40 dólares por tonelada, abaixo dos 94,60 dólares vistos anteriormente, mas ainda bem acima de cotações abaixo de 80 dólares registradas esta semana.

“Nos próximos cinco anos, os preços do minério de ferro deverão ficar na média de 90 a 95 dólares por tonelada”, disse o Escritório de Economia para Recursos e Energia em relatório trimestral.

“Uma ampliação da oferta indica que um aumento na competição por preços será necessário para empurrar oferta de alto custo para fora do mercado nos próximos dois anos”, disse o escritório.

A previsão está bem abaixo da faixa de 100-120 dólares por tonelada que algumas mineradoras usaram em suas projeções futuras para sustentar gigantescas obras de expansão que já foram concluídas ou que estão em andamento e que injetarão dezenas de milhões de toneladas de minério de ferro adicionais no mercado internacional.

Grandes mineradoras como Rio Tinto, Vale e BHP Billiton têm elevado sua produção a despeito de preocupação sobre um excedente na oferta, em um momento de crescimento moderado da produção de aço na China, maior país importador de minério de ferro.

O minério com teor de 62 por cento de ferro para entrega imediata na China, referência para o setor, foi negociado a 79,40 dólares por tonelada nesta quarta-feira, estável ante a terça-feira, mas no menor nível desde setembro de 2009, segundo o Steel Index.

Fonte: Reuters

37-24/09/2014

EDITORIAL: O BRASIL, DE EXPORTADOR A IMPORTADOR DE ALUMÍNIO

A crise que afeta a indústria de transformação alcançou o setor de alumínio. Como ocorreu com outros manufaturados e semimanufaturados, de produtor o Brasil deve passar a importador de alumínio, o que não se registrava desde o início dos anos 90.

Em 2013, o setor ainda alcançou um superávit de US\$ 110 milhões, um terço do registrado em 2012. Neste ano, porém, deverá ter déficit de US\$ 610 milhões (importações de US\$ 1,820 bilhão e exportações de US\$ 1,210 bilhão), prevê a Associação Brasileira do Alumínio (Abal).

A primeira explicação é a queda abrupta das cotações internacionais do alumínio primário, de US\$ 3 mil a tonelada, em 2008, para US\$ 1,7 mil/t, hoje. O segundo motivo é a alta da energia elétrica, que representa 55% do custo de produção. Empresas instaladas no País perdem competitividade e cortam pessoal.

A produção de alumínio primário este ano é estimada em 952 mil toneladas, 27% inferior à de 2013 (1,3 milhão de toneladas), pior desempenho em 24 anos. Várias fábricas já fecharam as portas, outras trabalham com grande capacidade ociosa e os investimentos mínguas, inclusive aqueles já programados há alguns anos. Em 2015, a produção poderá cair para 660 mil toneladas.

Para cortar custos e garantir o suprimento de energia elétrica, algumas indústrias investiram na autogeração, que poderia suprir 40% da produção. Mas, segundo o

presidente da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), Milton Rego, as empresas só podem retirar apreço de custo, para uso próprio, 10% da eletricidade que geram.

A situação pode piorar. Algumas empresas têm contratos antigos de fornecimento de eletricidade, com preços acessíveis. Mas, na renovação dos contratos, as tarifas subirão. E, sem recontração, as empresas terão de recorrer ao mercado livre, com preços ainda mais altos.

A alta nas cotações do dólar poderá, se mantida, ajudar a exportação de alumínio, mas não aponto de promover uma reversão do quadro atual, pois, enquanto cai a demanda interna, aumenta a agressividade dos concorrentes externos.

As previsões do início da década -investir US\$ 19,8 bilhões em dez anos, gerar 47 mil empregos e tornar o Brasil um dos maiores produtores e exportadores do mundo -não vingaram, vítimas do câmbio, do custo Brasil e da energia cara. O País terá de decidir se quer ser um grande ator global em produtos de alumínio, agregando valor, ou se apenas exportará bauxita e alumina, das quais tem grandes reservas.

Fonte: O Estado de S. Paulo

38-24/09/2014

MINÉRIO DE FERRO

Exportações têm pequeno recuo em agosto

Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos (Sinferbase), as exportações de minério de ferro em agosto de 2014 somaram 26,698 milhões tmn, uma leve queda na comparação com o mesmo mês do último ano (26,908 tmn). No acumulado até agosto, as vendas externas foram de 194,1 milhões tmn, contra 179,8 milhões tmn registradas no mesmo período de 2013. Como sempre, as maiores vendas externas foram feitas pela Vale e empresas coligadas – 24,816 milhões tmn; seguida pela Samarco – 1,662 milhão tmn e pela MMX, com 220 mil tmn. As exportações de pelotas totalizaram 3,516 milhões tmn – volume menor que as 3,994 milhões tmn registradas em agosto de 2013. No acumulado até agosto foram vendidas 16,721 milhões tmn contra 16,976 milhões tmn entre janeiro e agosto de 2013. Em agosto de 2014, as vendas nacionais de minério de ferro + pelotas atingiram 2,303 milhões tmn (contra 2,401 milhões tmn em agosto de 2013).

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 671

39-24/09/2014

PRÊMIO

Ibram abre inscrições para SST

O Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), por meio do Programa Mineração, abriu inscrições para o Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho. Esta é a

segunda edição do prêmio, que busca contemplar e valorizar as mais importantes ações em SST desenvolvidas pelas mineradoras e demais empresas ligadas ao setor em todo o Brasil. As boas práticas adotadas devem ser enviadas até o dia 03 de outubro para a sede do Programa, em Belo Horizonte (Rua Alagoas, 1270 | conjunto 1001 – Funcionários – 30.130-160). Para participar, os interessados devem ser associados ao Programa Mineração. O prêmio será dividido em três categorias - Atendimento às emergências, Sistemas de Comunicação de SST eficazes utilizados nas operações de trabalho e Sistemas eficazes de capacitação de trabalhadores, e os cases serão classificados em Ouro, Prata e Bronze. Os vencedores serão anunciados no dia 12 de novembro, na página www.programamineracao.ibram.org.br, e a premiação acontecerá no dia 09 de dezembro, na sede da Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg), na capital mineira. As empresas poderão inscrever um ou mais cases sobre práticas bem-sucedidas em SST. Informações podem ser obtidas pelo email programamineracao@ibram.org.br ou por fax, pelo número (31) 3223-6751.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 671

40-24/09/2014

BARRAGENS

DNPM pede plano emergencial a empresa

O DNPM identificou que riscos em outra barragem (a B3) da Herculano Mineração e determinou que a empresa apresentasse um plano emergencial para a mesma, definindo procedimentos a serem adotados em caso de acidente. O órgão também autorizou a realização de obras emergenciais de curto prazo para estabilização e manutenção da barragem. A instituição também informou que deverá concluir, no prazo de até 90 dias, o relatório técnico da auditoria do empreendimento analisando questões como a estabilidade das barragens, causas do acidente e condições para retomada normal das operações.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 671

41-24/09/2014

ARCELORMITTAL

Mina do Andrade completa recorde sem acidentes

A ArcelorMittal Mineração Brasil comemorou recorde de suas operações na Mina do Andrade, município de Bela Vista de Minas (MG). Em 11 de setembro, a empresa registrou 22 anos sem acidentes com afastamento (ou seja, Acidentes CPT – com perda de tempo). A ArcelorMittal Mineração afirma que o resultado se deve à contínua capacitação e conscientização dos empregados, aos investimentos financeiros e ao comprometimento de todos. A Mina do Andrade abastece a usina da ArcelorMittal Monlevade desde 1936, além de realizar vendas de minério de ferro no mercado

doméstico e externo. A perspectiva é que, em 2014, sejam produzidas 2,6 milhões de t de minério de ferro.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 671

42-24/09/2014

ROCHAS ORNAMENTAIS

Cetem assina parceria no Espírito Santo

O Centro de Tecnologia Mineral (Cetem) assinou termos de cooperação com o Centro Tecnológico do Mármore e Granito (Cetemag) e com o Sindicato da Indústria de Rochas Ornamentais, Cal e Calcários do Estado do Espírito Santo (Sindirochas) para o desenvolvimento de programas e projetos de PD&I, para a prestação de serviços tecnológicos e para o intercâmbio de informações técnico-científicas entre as instituições, na área de rochas ornamentais. Os trabalhos serão realizados pela equipe de pesquisadores, tecnologistas e bolsistas lotados no Núcleo Regional do Cetem no Espírito Santo (NRES), em conjunto com as instituições parceiras. Os novos laboratórios de tecnologia mineral que integram as modernas instalações do NRES entraram em operação em agosto de 2014. O NRES possui 1.500 m² construídos em terreno doado pela Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim, e conta com usina-piloto, laboratórios e, em breve, abrigará uma biblioteca especializada. Trinta colaboradores, entre servidores, terceirizados e bolsistas, fazem parte da equipe local. A atuação do Cetem na região conta com o apoio de instituições parceiras, incluindo: universidades (nacionais e internacionais), entidades representativas do setor de rochas ornamentais (Abirochas, Centrorochas, Sindirochas, ANPO, Cetemag e AAMOL), além de empresas.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 671

43-24/09/2014

FERROLIGAS

Receita da Ferbasa atinge R\$ 62,6 milhões em agosto

A Ferbasa registrou receita líquida de vendas de R\$ 62,6 milhões e um volume de 16,906 milhões t em agosto de 2014. A Companhia destaca o crescimento de 6,3% na receita de FeSi75 e as exportações de minério de cromo. O volume de vendas atingiu 9.781 t de Ferrocromo Alto Carbono (FeCrAC); 630 t de Ferrocromo Baixo Carbono (FeCrBC) e 6.495 t de Ferro Silício 75 (FeSi75), apresentando retração na comparação ao mesmo mês de 2013, principalmente, em função das estratégias de as exportações que possuem margens inferiores para priorizar o mercado interno e estocagem para o segundo semestre de 2015.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 671

44-24/09/2014

BENS DE CAPITAL

Faturamento e consumo têm forte queda

A indústria de bens de capital registrou um faturamento de R\$ 5,379 bilhões em agosto de 2014, com uma queda de - 5,5% sobre o mês anterior e de -28,7% sobre o mesmo mês de 2013. No ano, ou seja, de janeiro a agosto de 2014, a receita da indústria recuou -16,6% sobre igual período do ano passado, alcançando R\$ 45,982 bilhões. A queda foi motivada principalmente pela retração nas vendas para o mercado interno, que ficaram 32,1% abaixo das registradas no mesmo período de 2013. O resultado do faturamento da indústria só não foi pior porque houve aumento das exportações, que somaram US\$ 9,006 bilhões no período janeiro-agosto de 2014. Houve um crescimento de 14,0% sobre as exportações do mesmo período do ano passado, que haviam somado US\$ 7,897 bilhões. Os principais destinos das exportações brasileiras de bens de capital foram a América Latina (32,4%), Estados Unidos (28,1%) e Europa (22,0%). No que diz respeito ao consumo aparente, houve uma redução de -9,1% no mês de agosto e de -16,6% no ano. O consumo aparente de janeiro a agosto de 2014 foi de R\$ 70,841 bilhões e houve queda tanto no consumo aparente de produção nacional quanto no de importados, fato que, na opinião do presidente da Abimaq, Carlos Pastoriza, indica que os consumidores de bens de capital (a indústria de transformação) não estão investindo. Em alguns casos, há indústrias consumidoras que estão preferindo parar a produção e trabalhar com produtos manufaturados importados, caracterizando um "franco processo de desindustrialização do País". Embora a importação de bens de capital venha caindo desde o último trimestre de 2013, os mesmos ainda respondem por cerca de dois terços do consumo aparente nacional. Os países que mais exportam máquinas e equipamentos para o Brasil, em termos de valor, são os Estados Unidos (25,6%), seguido pela China (18,1%).

45-24/09/2014

Suprema Corte da Índia cancela 214 licenças de mineração de carvão

Tribunal Superior indiano tomou medida após escândalo de corrupção que custou 33 bilhões de dólares ao país

POR O GLOBO

A Suprema Corte da Índia cancelou nesta quarta-feira 98% das licenças de mineração de carvão concedidas pelo governo entre 1993 e 2010, após um escândalo de corrupção que custou ao país dezenas de bilhões de dólares.

Segundo o tribunal indiano, o controle sobre 214 de 218 licenças de mina de carvão terão que ser devolvidos, pois foram concedidos ilegalmente. A Suprema Corte poupou quatro unidades ligadas a grandes projetos de energia do Estado: dois blocos concedidos para a Reliance Power, um bloco dado a estatal NTPC e outro dado a Steel Authority of India.

O cancelamento terá efeito em seis meses por 42 blocos que haviam começado a produção, para garantir que o fornecimento de carvão não seja afetado, enquanto o governo decide o que fazer com as licenças. Segundo analistas, é provável que algumas sejam leiloadas enquanto outras permaneçam como empresas estatais. As poucas empresas que produzem carvão a partir dos blocos terão que pagar 4,83 dólares por tonelada de carvão extraída.

Em 2012, os auditores federais disseram que a Índia havia perdido 33 bilhões de dólares (79 bilhões de reais), porque os direitos das minas foram vendidos mais baratos. Segundo o tribunal, "não houve processo justo e transparente, tudo resultando em distribuição injusta da riqueza nacional."

A Índia é um dos maiores produtores de carvão do mundo, atrás apenas de China e Estados Unidos, e cerca de 70% de sua eletricidade é gerada pela queima de carvão. No entanto, depende fortemente das importações por causa de má gestão e uma burocracia onerosa de exploração de carvão, produção e geração de energia. Com o resultado, quase um quarto da população indiana, cerca de 1,2 bilhão de pessoas, está sem eletricidade, de acordo com o Banco Mundial.

A decisão da Suprema Corte indiana provavelmente alimenta os custos de energia da Índia e dificulta muito a ambição da terceira maior economia da Ásia para se tornar um centro de produção.

46-25/09/2014

Consórcio encontra reservas que podem abastecer 600 mil

Por Rene Moreira, especial para AE | Estadão Conteúdo

O Consórcio PCJ, que gerencia as bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá, localizou cerca de 30 cavas de mineração com disponibilidade hídrica nas regiões de Rio Claro, Campinas e Bragança Paulista. Cada uma delas tem capacidade de abastecer uma cidade de 20 mil habitantes por cerca de dois meses, sendo a identificação confirmada graças ao rastreamento aéreo que foi realizado este mês.

Nesse trabalho foram aprofundadas as observações para comprovar a localização das 60 cavas que já tinham sido detectadas por um mapeamento via satélite no mês passado. Mas em torno de metade delas não havia a água que se esperava, até porque as imagens de analisadas datavam de até dois anos atrás, vindo nesse período a praticamente desaparecerem.

De acordo com José César Saad, coordenador de projetos do Consórcio PCJ, ainda não foi feito um quantitativo exato de toda essa água, mas realmente daria para servir de abastecimento. Entretanto, caberá ao interessado procurar o dono da área onde está a cava e negociar com ele. Também será necessário fazer análises para atestar a qualidade da água e ver como poderia ser captada e distribuída.

"Quem tiver interesse terá de procurar o consórcio para saber da localização e poder negociar", falou à reportagem. Segundo ele, tudo dependerá do resultado da análise da água e do acordo com o proprietário da área. Os mais de 40 municípios e as 27 empresas

consorciadas estarão sendo informados sobre o resultado desse mapeamento com a localização das fontes.

O custo para viabilizar o bombeamento da água e todo o tratamento ficam por conta dos interessados. Saad explicou que essas cavas não resolvem a crise hídrica histórica enfrentada na região, mas pode amenizar a situação de muita gente. "Levando em conta o momento que vivemos, é uma descoberta muito importante".

Pedido

A Secretaria Executiva do consórcio enviou na semana passada à CT-MH (Câmara Técnica de Monitoramento Hidrológico) dos Comitês PCJ um pedido para o uso de água de cavas de mineração e de reservatórios particulares. O objetivo é auxiliar no abastecimento de cidades em situação de calamidade pública.

Na região vários municípios enfrentam problemas de falta de água e alguns já começaram a recorrer a áreas particulares cedidas por proprietários rurais. Com o mapeamento ficará mais fácil para se utilizarem desse recurso visando enfrentar o período de estiagem crítica. O consórcio também pediu à Câmara Técnica a ampliação da vazão do Sistema Cantareira para a Bacia do Rio Atibaia.

47-25/09/2014

Anglo American ainda depende de mais duas licenças

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

A Anglo American obteve na terça-feira a licença de operação (LO) do mineroduto do Projeto Minas-Rio. A autorização, concedida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), era uma das três últimas pendências para que o projeto possa entrar em operação. Para que o primeiro embarque seja realizado ainda no fim de 2014, como prevê a companhia, são necessárias a licença de operação da mina e da planta de beneficiamento, que será votada na próxima segunda-feira, e a autorização definitiva para a linha de transmissão de energia. A licença de operação do porto foi obtida em maio.

Atualmente, 95% das atividades necessárias para a realização do primeiro embarque já foram executadas, segundo a companhia.

A Anglo American afirma que o empreendimento está em fase final de testes de comissionamento. Em 24 de agosto, a companhia confirmou a chegada ao Porto do Açú da primeira polpa de minério bombeada pelo mineroduto, com material proveniente da mina e da planta de beneficiamento.

O Minas-Rio engloba a mina de minério de ferro e uma planta de beneficiamento em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas (MG); um mineroduto de 529 km de extensão; e o terminal de minério de ferro do Porto de Açú, em São João da Barra (RJ), no qual a Anglo American é parceira da Prumo Logística com 50% de participação.

Com previsão de produção de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro ao ano, o Minas-Rio já recebeu investimentos de R\$ 15 bilhões da Anglo American. Segundo a empresa, "as despesas de capital com a implantação do empreendimento continuam

alinhadas com a estimativa de investimento (capex) informada em janeiro de 2013, de aproximadamente R\$ 20 bilhões".

A empresa prevê desembolsar R\$ 2,7 bilhões ao longo do segundo semestre de 2014. Do valor total, cerca de R\$ 2,2 bilhões ficarão para 2015 para a conclusão completa do quebra-mar e aquisição de equipamentos da área da mina, que permitirão o início e aceleração da produção.

O minério de ferro do Minas-Rio chegará ao mercado em um momento desfavorável. O preço da commodity caiu 41% neste ano. Ontem, o minério com teor de 62% de ferro foi negociado a US\$ 79,40 por tonelada no mercado à vista da China.

Na previsão do CRU Group, depois de ter rompido a faixa de US\$ 80 por tonelada, o produto pode cair ainda mais e chegar a US\$ 71 por tonelada nas próximas semanas. Com base em seu modelo, que leva em conta preços históricos e curva de custos de produção, o CRU estimou preço "realista" de US\$ 76 a tonelada, mas afirma que também foi identificada em suas contas a possibilidade de um piso em US\$ 71 por tonelada.

O analista Gunjan Aggarwal, autor do relatório que traz as estimativas, também levou em conta o aumento de oferta a baixos custos de produção, principalmente da Austrália. Segundo ele, os valores diários podem cair para níveis inferiores, mas as médias mensais não têm ficado tão baixas por causa de uma forte sensibilidade do mercado. Ele diz ainda que a queda atual do preço é diferente da observada em anos anteriores, como em setembro de 2012. Desta vez, afirma, há um grande excedente de oferta chegando ao mercado, em um momento de falta de estímulos do governo chinês para crescimento da economia e da demanda por minério e aço.

Com uma análise muito parecida - de que o cenário é de aumento da produção e "crescimento moderado da demanda" -, o escritório de recursos e energia do governo australiano (Bree, na sigla em inglês) reduziu ontem sua projeção para o preço do minério de ferro neste ano e no próximo.

O Bree espera um preço médio de US\$ 94 a tonelada em 2014, abaixo de sua previsão anterior, de US\$ 105. Para 2015, a estimativa também é de um preço médio de US\$ 94 por tonelada, inferior à projeção anterior, de US\$ 97. Em seu relatório trimestral, o órgão menciona que, somente na Austrália, 200 milhões de toneladas de nova capacidade entraram em produção nos últimos 12 meses.

48-25/09/2014

Juiz diz que pedirá arresto de bens de Eike Batista

Por **Rafael Rosas** | **Do Rio**

O juiz Flavio Roberto de Souza, da 3ª Vara Criminal Federal do Rio de Janeiro, afirmou ontem que deverá pedir o arresto de bens do empresário Eike Batista dentro do processo

em que o Ministério Público Federal (MPF) ofereceu denúncia pelo crime de uso de informação privilegiada. No processo, o MPF pediu que o juiz determine o arresto de até R\$ 1,5 bilhão em bens do empresário.

"Não é uma questão de 'se', mas uma questão de 'quanto'", disse Souza ao **Valor PRO**, serviço de informação em tempo real do **Valor**, deixando claro que o arresto será pedido, mas o valor ainda precisa ser definido.

Segundo o magistrado, a defesa do empresário pediu um prazo para determinar se o dano supostamente causado chegaria a R\$ 1,5 bilhão ou a um valor menor. "A defesa pediu 15 dias para ver se o valor relatado pelo Ministério Público é o valor do dano", explicou Souza, acrescentando que esse prazo pedido pelos advogados de Eike se encerra na sexta-feira.

O juiz ressaltou que atualmente o empresário tem R\$ 122 milhões em dinheiro bloqueados em contas bancárias e outros R\$ 117 milhões em um fundo de debêntures também bloqueados. O primeiro bloqueio de recursos, de R\$ 122 milhões, aconteceu em maio, já dentro do processo que o investiga por informação privilegiada (insider trading). O segundo, de R\$ 117 milhões, foi determinado pelo juiz da 3ª Vara Criminal Federal do Rio na semana passada.

"Evidentemente, estabelecemos uma ordem [para o que vai ser bloqueado]. O que tinha de dinheiro já foi bloqueado, o que vamos ver agora são os bens que estão no nome dele", disse o juiz, lembrando que poderão ser buscados bens passados para os nomes dos filhos e esposa de Eike. "Ele não tem mais dinheiro disponível nas contas bancárias", frisou o magistrado.

De acordo com o juiz, há dois inquéritos contra o empresário. O primeiro é o de informação privilegiada e investiga possíveis ganhos do empresário com a negociação de ações da Óleo e Gás Participações (OGPar, na época OGX) e OSX antes do anúncio público de que as estimativas de produção de petróleo da primeira companhia não se confirmariam. Atualmente as duas empresas se encontram em meio a processos de recuperação judicial. O segundo envolve suspeita de lavagem de dinheiro.

Souza confirmou que pedirá a quebra do sigilo fiscal de Eike no âmbito do processo que investiga lavagem de dinheiro. O juiz informou que o MPF pediu vistas desse processo e que aguarda a devolução do material para pedir a quebra do sigilo fiscal do empresário. Segundo o juiz, o MPF deve devolver o inquérito ainda esta semana. "A Polícia Federal já pediu [a quebra do sigilo fiscal de Eike] e acho que é importante para a instrução do processo", frisou.

O advogado Sérgio Bermudes, que defende Eike, disse que o empresário não tem nada a temer quanto à possível quebra do sigilo fiscal. Sobre o possível arresto de bens, disse que os criminalistas que defendem o empresário se manifestarão dentro do prazo.

O Ministério Público Federal em São Paulo (MPF) também denunciou Eike. Nesse caso com sete ex-diretores da OGX Petróleo e Gás Participações por crimes contra o mercado de capitais. Eles são acusados de induzir milhares de investidores a erro ao anunciarem informações inverídicas sobre o potencial da empresa.

Segundo o MPF, o grupo prometeu a realização de negócios bilionários em operações de extração de petróleo nas Bacias de Campos e Santos. No entanto, a projeção foi baseada em dados inverídicos sobre a capacidade de exploração das reservas, o que levou à queda do valor das ações da companhia e causou prejuízos aqueles que haviam adquirido os papéis, acusa a procuradoria da República. **(Com André Guilherme Vieira, de São Paulo)**

49-25/09/2014

Queda no preço do minério fecha 70% das pequenas minas em província da China

Reuters

DALIAN (Reuters) - Cerca de 70 por cento de pequenas minas de minério de ferro da China na província de Hebei, a maior produtora, fecharam após um acentuado declínio dos preços ter inviabilizado a continuidade das operações, disse um representante do setor nesta quinta-feira.

As mineradoras de minério de ferro em outras províncias como Anhui e Jiangsu também não estão mais produzindo, afirmou Gao Yan, vice-secretário geral da Associação de Minas Metalúrgicas da China, em uma conferência do setor.

Os preços do minério recuaram quase 41 por cento neste ano diante do excesso de oferta, impulsionada por produtoras de baixo custo. A commodity caiu para abaixo de 80 dólares por tonelada nesta semana pela primeira vez desde setembro de 2009.

(Por David Stanway)

O material jornalístico produzido pelo Estadão é protegido por lei. Para compartilhar este conteúdo, utilize o link:<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,bhp-minimiza-chances-de-recuperacao-em-precos-de-minerio-de-ferro,1565842>

50-25/09/2014

Minério de ferro: acossada por altos custos e preços baixos a Fortescue pode ser a primeira gigante a tombar

A gigante australiana Fortescue é a terceira maior produtora de minério de ferro do mundo. Até pouco tempo atrás era uma empresa que atraía grandes investidores: uma das joias da constelação das mineradoras australianas. Mas, nem tudo está bem no quartel general de Twiggy Forrest o conhecido Chairman da mineradora.

A Fortescue é uma produtora de apenas um produto: minério de ferro. Essa característica a faz extremamente vulnerável ao momento atual, onde os preços do minério começam a cair abaixo de US\$80/t. Cercada de grandes débitos a empresa tem o seu pior ano desde 2008. O dilema de Twiggy é como pagar os débitos que somam mais de US\$4 bilhões, e reestruturar a sua empresa, no momento que os preços despencam 41% e que seu all-in sustaining cost é de apenas US\$73/t.

Com uma margem de lucro minimalística, Twigg ainda tem que enfrentar um mercado que prefere comprar minérios de maior qualidade do que os que a Fortescue produz. Mesmo assim a empresa expandiu a sua capacidade para 155 milhões de toneladas ano: uma jogada audaciosa que pode se tornar no seu pior pesadelo.

Fonte: www.geólogo.com.br

51-25/09/2014

BRAZIL MINERALS ENCONTRA DIAMANTE COLORIDO EM DUAS BARRAS

A Brazil Minerals informou na última quarta-feira (24/09) que um dos diamantes que a companhia extraiu na mina Duas Barras (MG) foi classificado como diamante colorido (fancy color, em inglês) pelo Gemological Institute of America (GIA). De acordo com a mineradora, esse tipo de diamante é mais raro que os incolores e pode ter um valor de mercado bem mais alto.

Segundo comunicado enviado ao mercado na última quarta-feira (24) pela Brazil Minerals, os diamantes coloridos são ideais para algumas peças de joia específicas.

A mineradora disse que tem estudado o mercado de diamantes coloridos do Brasil “devido às altas margens em que pode produzir e pelo fato de que é um mercado complementar e sinérgico para os negócios atuais de diamantes incolores da empresa”. Segundo a Brazil Minerals, as cores mais comuns de diamantes coloridos no Brasil são amarelo, rosa e azul.

No início de setembro, a companhia obteve a licença ambiental necessária para extrair e comercializar areia da mina de ouro e diamante Duas Barras. A mineradora pretende utilizar a areia como permuta para as despesas com escavação no site.

A Brazil Minerals também contratou novos trabalhadores para Duas Barras, no fim de agosto, com o intuito de processar ouro e diamante todos os dias do ano, incluindo fins de semana e feriados. A empresa montou um novo esquema de turno para os trabalhadores, em que o processamento de ouro e diamante e a planta de recuperação vão ser operados por duas equipes.

Dessa forma, segundo a Brazil Minerals, a planta estará em funcionamento todos os dias do ano, produzindo ouro e diamante. As atividades de escavação permanecerão com uma equipe de trabalhadores. Segundo a empresa, um dia de escavação gera material suficiente para um prazo de dois a cinco dias para a planta de recuperação.

A mina de Duas Barras é operada por meio da Mineração Duas Barras, subsidiária brasileira da Brazil Minerals, que detém 86,88% da companhia. Além da mina Duas Barras, a empresa é proprietária de direitos minerários em Borba, área com potencial de ouro no Amazonas.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

52-25/09/2014

IAMGOLD TEM LICENÇA PARA INICIAR CAMPANHA DE SONDAAGEM EM PITANGUI

A mineradora Água Nova Pesquisas Minerais, da canadense Iamgold Corporation, vai realizar pesquisas para sondagem de minério de ouro no município de Onça do Pitangui (MG). A empresa obteve, no último dia 18, a Licença de Operação para Pesquisa Mineral (LOP) com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad). A Água Nova está entre os dez maiores detentores de direitos minerários para ouro no Brasil.

A Água Nova tem 149 processos junto ao DNPM, sendo 97 em Minas Gerais e os demais no Pará e no Paraná. Do total, 77 são alvarás de pesquisa. A Iamgold tem outra subsidiária, além da Água Nova, a Iamgold Brasil Prospecção Mineral, que possui 12 direitos minerários de ouro, prata e ferro no Brasil.

Entre os maiores detentores de títulos minerários para ouro no Brasil, estão Yamana, CBPM, Magellan, Vale, AngloGold e Amarillo, de acordo com estudo feito por Gustavo Mello, coordenador da Agência para o Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (Adimb).

No relatório, aprovado em reunião realizada na Unidade Regional Colegiada do Alto São Francisco do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam), a pesquisa mineral da Água Nova será feita em uma área conhecida como Jaguará, localizada em Onça do Pitangui (MG). O estudo de pesquisa e mineração, sem guia de utilização, tem validade de três anos e será feito por meio de 179 furos de sondagem, na etapa inicial da campanha.

A área faz parte do projeto Pitangui, um empreendimento em estágio avançado de exploração localizado a 110 quilômetros de Belo Horizonte (MG) e que compreende autorizações de pesquisa para 180 quilômetros quadrados, com recursos inferidos de 4,07 milhões de toneladas, com teor de 4,88 gramas de ouro por tonelada, e cerca de 64 mil onças de ouro contidas.

Segundo a empresa, para a identificação do minério na superfície e subsuperfície existem diversas técnicas e metodologias para diferentes fases da pesquisa. Primeiro, será feito o mapeamento geológico.

“Tal pesquisa é a etapa que precede a iniciativa de implantação de um projeto minerário, onde a existência de minério é estudada, sendo que nesta fase o corpo de minério é delimitado e quantificado, a fim de verificar que se é ou não técnica e

economicamente viável”, informou a empresa em relatório enviado à Semad. Com informações do Diário do Comércio.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

53-25/09/2014

MINERADORA ABRE MAIS DE 700 VAGAS NA ÁREA TÉCNICA E OPERACIONAL, NO PARÁ

Inscrições podem ser feitas até o próximo dia 30 de setembro. Candidatos devem ter mais de 18 anos e ensino médio completo.

Mais de 700 vagas foram abertas nas áreas técnica e operacional de três grandes projetos na região sudeste do Pará. As inscrições podem ser feitas até o dia 30 de setembro. Para as vagas operacionais, os candidatos devem ter mais de 18 anos e ensino médio completo, além de carteira de habilitação D, no caso da operação de mina.

Para as demais vagas na área técnica, os interessados devem ter 18 anos ou mais e curso técnico completo. As oportunidades são para as seguintes áreas: operação de mina, operação de usina, elétrica, eletromecânica, soldagem e mecânica.

O processo seletivo para o Programa Formação Profissional (PFP) seleciona profissionais para atuarem em Carajás, em Canaã dos Carajás; Salobo, em Parauapebas; Serra Leste, em Curionópolis. A intenção é formar mão de obra nas comunidades, com qualificação técnica, e promover o desenvolvimento local, com a oportunidade de emprego e renda.

Duas fases dividem o programa: formação teórica, com duração de três a cinco meses, quando os jovens estudam em tempo integral em instituição de ensino, participando de um curso de qualificação técnica; e formação prática, de seis a 12 meses, quando o desenvolvimento é complementado com experiência profissional em uma das áreas da empresa.

Nas duas etapas os participantes operacionais e técnicos recebem bolsa-auxílio, além de assistência médica e odontológica, transporte, alimentação e seguro de vida.

Após a inscrição, os candidatos terão que fazer provas de português e matemática, entrevista coletiva, avaliação psicológica, dinâmica de grupo ou entrevista técnica com gestor e exames médicos, além das avaliações de desempenho nas fases teórica e prática.

Serviço:

Inscrições para o Programa Formação Profissional pode ser feito até o dia 30 de setembro. Para mais informações sobre o processo seletivo e sobre como se inscrever basta acessar o site da Vale.

Fonte: G1

54-26/09/2014

Atrasos que custam caro (por Dep. Arnaldo Jardim)

Este artigo foi escrito em 04/09/2012 pelo Dep. Arnaldo Jardim. De lá pra cá, alguma coisa foi resolvida na mineração? Tarefa árdua de escolher em que votar nestas próximas eleições.....

“A presidente Dilma Rousseff tem responsabilidade direta em três questões que podem custar muito caro ao país. Embora semanalmente ela manifeste preocupação com a crise econômica e até tome algumas medidas que merecem ser destacadas – o pacote de concessões e parcerias público-privadas, a redução da taxa básica de juros e o novo enfoque no Banco Central na gestão da política cambial –, o seu governo não tem tomado iniciativas que independem de normas legislativas, para impulsionar e ampliar os investimentos.

Vamos aos fatos. O DNPM (Departamento Nacional e Pesquisa Mineral) e o Ministério de Minas e Energia interromperam em novembro do ano passado qualquer nova outorga de autorização de pesquisa ou de concessão de lavra para produção de maior parte dos bens minerais demandados no desenvolvimento do Brasil. Contabiliza-se que até agora são mais de 5 mil alvarás de pesquisa e 55 portaria de lavra pendentes.

Comenta-se que a suspensão se fez a partir de uma determinação direta e não oficializada da própria presidente, na medida em que se aguarda a elaboração do novo marco regulatório da mineração que ainda não foi enviado ao Congresso Nacional. A interrupção por meio de “instrução verbal” – figura desconhecida nos dispositivos que constituem o vasto conjunto legal-administrativo do País – não tem, segundo o IBRAM (Instituto Brasileiro de Mineração) precedente na história do Brasil.

Além da instabilidade e da incerteza, a paralisação das outorgas deve abortar aproximadamente R\$ 20 bilhões em novos projetos de mineração, de acordo com levantamento do Ibram. Enquanto o novo marco regulatório da mineração não chega para a deliberação do Legislativo, o governo sentou em cima dos processos, alguns deles tramitando há muito tempo e satisfazendo as regras e solicitações atuais do setor de mineração. Esse congelamento está levando a desarticulação de investimentos e a postergação de iniciativas em área de grande relevância para o Brasil.

Pelo mesmo raciocínio, a presidente analisou as concessões do setor elétrico por reiterada vezes. Nesse debate, iniciado em 2008, foi constituído no âmbito do Conselho Nacional de Política Energética um grupo para tratar das concessões que começam a vencer a partir de 2015, mas até agora não se chegou a uma proposta definitiva.

A indefinição tem não só impactado o custo da energia como causado apreensão quanto ao tema, o que tem adiado sistematicamente investimentos vultosos, na casa de bilhões de reais. A ausência de rodada de licitação para novas áreas de prospecção e produção de petróleo completa a lista de responsabilidades que recairão sobre a presidente Dilma. Se na exploração da camada do pré-sal ainda está pendente a votação que diz respeito a royalties, poderíamos deixá-la de fora das próximas rodadas de licitação.

Desde que foi suspensa a oitava rodada, as seguintes também não foram realizadas pela ANP. A décima primeira rodada, adiada para janeiro ou fevereiro desse ano, sequer saiu do papel. Temos já aprovada novas áreas de exploração de petróleo pelo Conselho Nacional de Política Energética para serem licitadas, cujos processos aguardam há anos a autorização da Casa Civil da Presidência.

Para se ter uma ideia do que está em jogo, o Poço de Tupi, agora rebatizado de Lula, no litoral fluminense, entrou em operação comercialmente esse ano, após o teste TLD (Teste de Longa Duração) realizado em 2011. O campo de petróleo em questão, porém, foi licitado originalmente em 2001, quando se iniciaram as primeiras sondagens e prospecções, para entrar em operação comercial depois de 10 anos, o tempo de amadurecimento de um projeto de produção de petróleo.

O avanço tecnológico permite a redução do plano de produção para sete anos, mas o Brasil, que proclamou a autossuficiência de petróleo há três anos, hoje importa 25% dos combustíveis consumidos diariamente no país. Como se observa, estamos vivendo um grande desafio nessa questão. Atrasar, segurar e postergar novas rodadas de licitação para exploração de petróleo terá um custo extremamente alto que será dividido socialmente no futuro.

Portanto, retomar as autorizações de lavras do DNPM, acelerar o processo de definição das concessões do setor elétrico e fazer novas rodadas de licitação para a área de produção de petróleo são medidas que já estão maduras e devem ser adotadas porque significarão uma mobilização de recursos para aquecer a economia e fazer frente à crise.”

Fonte: Presidente da Frente Parlamentar Mista em Defesa da Infraestrutura Nacional, Dep. Arnaldo Jardim

55-26/09/2014

Curiosity perfura buraco no solo de Marte

Material será avaliado nos laboratórios internos do rover enviado pela Nasa
POR O GLOBO

RIO - O rover (veículo de exploração espacial) Curiosity enviado a Marte pela Nasa perfurou seu primeiro buraco em rocha marciana desde maio. O equipamento usou sua ferramenta que funciona como uma espécie de broca para coletar amostras da superfície do Planeta Vermelho, em um local que foi apelidado de "Pahrump Hills".

A perfuração corresponde a um buraco de seis centímetros e tem o efeito de empurrar partículas de rocha pulverizada para cima, que são recolhidas por uma câmara do

equipamento. Depois de peneirado, parte do material é alojado em laboratórios dentro do Curiosity.

O Curiosity já perfurou três pedras para recolher rejeitos em pó para análise em seus laboratórios de bordo. Esta última aquisição deve dar aos cientistas um exemplo do tipo de sedimento que se encontra por lá.

A equipe da missão espera que a amostra tenha um alto teor de silício, já observado em outras rochas.

Atualmente, o rover da Nasa está se locomovendo pelas colinas próximas ao "Monte Sharp", um pico que fica cinco quilômetros acima da cratera Gale. Os pesquisadores esperam que a química das rochas na base da montanha revelem novos detalhes sobre a história ambiental de Marte.

O robô, que pesa uma tonelada, já revelou que um lago e rios estiveram presentes no chão de Gale há bilhões de anos. Para cientistas, as condições desta época poderiam ter proporcionado a existência de micro-organismos no planeta.

56-26/09/2014

Vale e China Merchants Group assinam acordo

por Marcelle Gutierrez | Estadão Conteúdo

A Vale e a China Merchants Group firmaram nesta sexta-feira, em Pequim, acordo que contempla cooperação estratégica no transporte marítimo de minério de ferro. O acordo contempla um contrato de afretamento por um período de 25 anos para transportar minério de ferro da Vale do Brasil para a China a partir de 10 navios VLOCs (very large ore carriers), que serão construídos pelo China Merchants.

No dia 12 de setembro, a Vale firmou outro acordo no sentido do transporte marítimo de minério de ferro, com a China Ocean Shipping Company (Cosco), o maior armador e transportador de granéis sólidos da China e um dos maiores operadores de granéis sólidos do mundo.

Em comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) na época, a Vale informava que no âmbito do acordo 4 navios do tipo VLOCs, com capacidade de 400 mil toneladas, que atualmente pertencem e são operados pela Vale, seriam transferidos para a Cosco e afretados para a Vale em contrato de longo prazo de 25 anos. Além disso, Vale e Cosco devem assinar um contrato de afretamento de longo prazo para transportar minério do Brasil a partir de 10 novos navios Valemax, que serão construídos pela Cosco.

57-26/09/2014

VALE E CHINA MERCHANTS GROUP ASSINAM ACORDO PARA NAVIOS VLOCS

A Vale S. A. (Vale) e a China Merchants Group firmaram hoje, em Pequim, acordo que contempla cooperação estratégica entre as duas empresas no transporte marítimo de minério de ferro.

Este acordo permitirá uma cooperação estratégica entre a Vale e China Merchants. Pelo acordo, as duas empresas concordaram em assinar um contrato de afretamento por um período de 25 anos para transportar minério de ferro da Vale do Brasil para a China a partir de 10 navios VLOCS (very large ore carriers) que serão construídos pelo China Merchants.

Fonte: Vale

58-26/09/2014

PROJETO DE MINA NO CANADÁ É FINALISTA DE PRÊMIO INTERNACIONAL DE DESIGN 3D

Um projeto desenvolvido nas operações de níquel da Vale em Thompson, no Canadá, está entre os finalistas do Bentley Be Inspired, um prêmio mundial de design de infraestrutura. O trabalho inscrito reúne modelos 3D usados na renovação da estrutura de carregamento de minério, na mina subterrânea T1, localizada há pouco mais de um quilômetro de profundidade.

O projeto incluiu a renovação de toda a estrutura, com o rearranjo de distribuidores (chutes), correias transportadoras, monotrilhos, guindastes e calhas entre outros, realizados através do modelamento em 3D, sem interromper o funcionamento regular da mina. A partir dos modelos, as oficinas trabalharam para construir as estruturas e unidades acopladas – avançando quando nenhum fabricante de aço num raio de 750 km de Thompson poderia realizar o trabalho.

O projeto atinge objetivos como redução de custos de manutenção e tempo, aumento na confiabilidade dos equipamentos e melhoria de segurança e meio ambiente, além de reforçar a estratégia de construir com as próprias mãos.

Visibilidade mundial

A equipe de engenharia da Vale em Thompson vai apresentar o projeto da mina T1 ao júri em novembro. O resultado deve ser divulgado em dezembro. O trabalho também fará parte de uma publicação, que será distribuída para diversas empresas, reunindo os melhores projetos de engenharia em 3D do ano. O prêmio é promovido pela Bentley Systems, fabricante de softwares de modelagem 3D.

Fonte: Vale

59-26/09/2014

Supremo suspende lei de Santos sobre granéis sólidos

Por **Bárbara Mengardo** | **De Brasília**

O plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) manteve ontem liminar que suspendeu lei municipal que impedia o armazenamento de granéis sólidos em áreas próximas ao Porto de Santos, em São Paulo. São considerados granéis sólidos, dentre outros, a soja, o trigo, o minério de ferro e o carvão.

No processo, a Advocacia-Geral da União (AGU) alega que a proibição, presente na Lei Complementar nº 730, de 11 de julho de 2011, traria prejuízo de aproximadamente R\$ 7 bilhões apenas em 2014. A norma foi alterada no ano passado para constar a proibição.

Ainda de acordo com a AGU, cabe somente à União decidir qual tipo de produto será movimentado no Porto de Santos, sendo indevido ao município de Santos realizar alterações nessa área. A procuradoria destacou que a região tratada na norma - a Ponta da Praia - "é a principal zona de movimentação de grãos do litoral brasileiro".

A liminar foi originalmente deferida pelo ministro Ricardo Lewandowski em 28 de janeiro, durante o recesso do Judiciário. Ao conceder a medida, o magistrado afirmou que a impossibilidade de armazenar as mercadorias "elevaria os custos da produção nacional, o que prejudicaria o país no competitivo mercado internacional".

Ontem, por unanimidade, os ministros confirmaram a liminar, e suspenderam o dispositivo até o julgamento do mérito da ação. O relator do caso é o ministro Marco Aurélio. Foi a primeira vez que o Supremo aceitou uma arguição de descumprimento de preceito fundamental (ADPF) para questionar lei municipal.

60-26/09/2014

Minério tem a menor cotação dos últimos cinco anos

Por **Olivia Alonso** e **Daniela Meibak** | **De São Paulo**

O minério de ferro foi negociado ontem a US\$ 78,60 por tonelada, novo recorde de baixa em cinco anos. Apesar de indicações de pequenos mineradores com custos mais altos de produção já estão deixando o mercado, a cotação continua pressionada pelo grande aumento da oferta global a custos mais baixos. Desde o início do ano, a matéria-prima do aço acumula queda de 41,4%, considerando o minério com teor de 62% de ferro negociado no mercado à vista da China.

Nos últimos dias, diversos especialistas que acompanham o setor reduziram suas projeções para o preço da commodity para este ano e próximo. O time global de

commodities do Citi reduziu sua projeção de preço do minério de ferro para US\$ 80 por tonelada em 2015, de US\$ 90 por tonelada anteriormente, e disse que esta é "a nova realidade" do produto.

Já o Brasil Plural reduziu sua projeção para uma faixa de US\$ 80 a US\$ 90 por tonelada entre 2015 e 2017. Antes, o banco estimava uma cotação variando de US\$ 90 a US\$ 100 por tonelada. Para o longo prazo, a previsão passou para US\$ 90 por tonelada, inferior aos US\$ 95 por tonelada calculados anteriormente.

Uma das maiores mineradoras do mundo, a BHP Billiton afirmou ontem que não está surpresa com a forte correção dos preços. Desde o início deste mês, a queda é de 9,7%. "O que estamos vendo está dentro do que esperávamos", disse o principal executivo de marketing da companhia, Mike Henry.

Henry disse que a queda nos preços é resultado de problemas do lado da oferta, e não de questões relacionadas à demanda, e que os preços estão voltando "para níveis normais" após anos, em que a demanda chinesa ultrapassou a produção. "Não seria razoável esperar que essas margens se sustentassem" para sempre, afirmou.